



CONEXÕES **AFRO IBERO-AMERICANAS** 2.01

de 21.02 a 30.04.2017

CURADORIA:
CARLOS CABRAL NUNES



CONEXÕES

AFRO

IBERO-AMERICANAS 2.01

63 ARTISTAS. 3 CONTINENTES. 1 PENÍNSULA

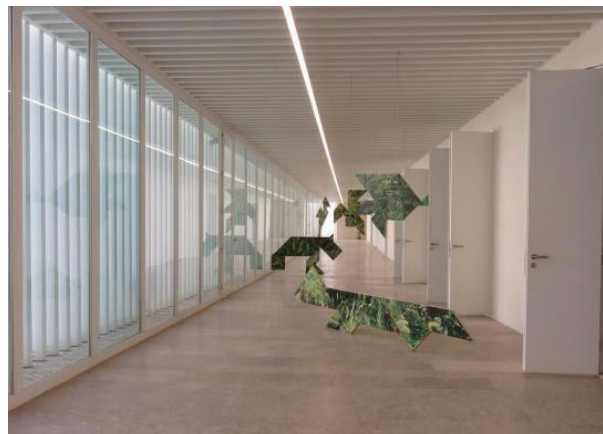
ÍNDICE

UCCLA APRESENTA	5
por Vítor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA	
INTRODUÇÃO À MOSTRA NA UCCLA	6
por Rui Lourido, Coordenador Cultural da UCCLA	
SOBRE A ORGANIZAÇÃO	9
PREÂMBULO. FUNDAMENTOS DA EXPOSIÇÃO	10
por Carlos Cabral Nunes	
1º NÚCLEO	12
- Alberto Chissano (Moçambique)	
- Artur Bual (Portugal)	
- Carlos Eurico da Costa (Portugal)	
- Cruzeiro Seixas (Portugal)	
- Ernesto Shikhani (Moçambique)	
- E. M. De Melo e Castro (Portugal Brasil)	
- Emiliano Di Cavalcanti (Brasil)	
- Evandro Carlos Jardim (Brasil)	
- Fernando Lemos (Portugal Brasil)	
- Isabel Meyrelles (Portugal)	
- Joan Miró (Espanha)	
- Jorge Vieira (Portugal)	
- Leonor Fini (Argentina)	
- Luis Feito (Espanha)	
- Malangatana (Moçambique)	
- Manuel Viola (Espanha)	
- Marcelo Grassmann (Brasil)	
- Mário Cesariny (Portugal)	
- Óscar Domínguez (Espanha)	
- Pablo Picasso (Espanha)	
- Pancho Guedes (Portugal)	
- Salvador Dalí (Espanha)	
- Wilfredo Lam (Cuba)	
2º NÚCLEO	38
- Agostinho Santos (Portugal)	
- Alberto Cedrón (Argentina)	
- Alfredo Benavidez Bedoya (Argentina)	
- António Palolo (Portugal)	
- Carlos Zíngaro (Portugal)	
- Dorindo Carvalho (Portugal)	
- Eduardo Nery (Portugal)	

- Eurico Gonçalves (Portugal)
 - Feres Lourenço Khoury (Brasil)
 - Fernando Botero (Colômbia)
 - Isabel Cabral E Rodrigo Cabral (Portugal)
 - João Ribeiro (Portugal)
 - Leonel Moura (Portugal)
 - Luísa Queirós (Cabo Verde)
 - Manuela Jardim (Guiné)
 - Manuel Figueira (Cabo Verde)
 - Paulo Kapela (Angola)
 - Pedro Wrede (Brasil)
 - Raúl Perez (Portugal)
 - Reinata Sadimba (Moçambique)
- 3º NÚCLEO
- Abraão Vicente (Cabo Verde)
 - Aldo Alcota (Chile)
 - Alex da Silva (Angola | Cabo Verde)
 - Ana Silva (Angola)
 - Cabral Nunes (Portugal)
 - Carlos Tárdez (Espanha)
 - Edson Chagas (Angola)
 - Gabriel Garcia (Portugal)
 - Isabella Carvalho (Brasil)
 - João Garcia Miguel (Portugal)
 - José Chambel (São Tomé e Príncipe)
 - Manuel João Vieira (Portugal)
 - Marco Brás (Moçambique | Portugal | EUA)
 - Márcia Matonse (Moçambique)
 - Mário Macilau (Moçambique)
 - Mito (Cabo Verde)
 - Regina Costa (Portugal | Brasil)
 - Rodrigo Bettencourt Da Câmara (Portugal)
 - Sérgio Guerra (Brasil)
 - Sérgio Santimano (Moçambique)

COLEÇÃO **LUSOFONIAS**
Apresentações anteriores

SEDE DA **UCCLA**



Nova sede da UCCLA. Inauguração no dia 30 de setembro de 2016 - Fonte: UCCLA

UCCLA APRESENTA

A UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa procurou assinalar a primeira exposição que leva a efeito na galeria da sede das suas novas instalações, sitas à Av. da Índia, n.º 110, com o nível que deve marcar a programação futura dos eventos que nela realizar.

As obras a expor nestas Conexões Afro-Ibero-Americanas, resultam de uma parceria com o Colectivo Multimédia Perve e, em particular, com o acervo da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, bem como com o amável apoio do Museu Coleção Berardo.

Como o título da exposição reflete, os encontros seculares de culturas criaram a raiz da conceção universalista e tolerante dos povos de língua oficial portuguesa, com tradução em múltiplas formas de expressão cultural, fazendo a aproximação de todos os continentes.

No que respeita ao continente americano, há a circunstância de, as duas línguas mais utilizadas à escala planetária, originárias da Ibéria, terem forjado conexões, de tal forma íntimas, que são visíveis na produção plástica de autores incontornáveis.

É essa mostra, produzida com grande riqueza, que a UCCLA tem a honra de divulgar, a partir da sua nova sede, integrada numa zona da cidade de Lisboa carregada de relevante memória histórica.

Para além do mérito da exposição em si, houve ainda a preocupação de assinalar também o facto de 2017 ser o ano em que Lisboa é a Capital Ibero-americana de Cultura.

Partilhando a UCCLA o espaço da nova sede com a Casa da América Latina (CAL), não poderia deixar de partilhar também conexões entre autores consagrados dos dois continentes – o africano e o americano – que a primeira exposição promovida pela UCCLA regista para o futuro.

A qualidade de todos e de cada um dos autores das obras expostas falam por si.

Não duvidamos que o contributo que procurámos dar para um maior e melhor conhecimento das conexões plásticas afro-ibero-americanas foi alcançado.

Aos nossos parceiros e a todos quantos mobilizaram esforços para o sucesso do evento, a começar pelos colaboradores da UCCLA, vai a minha gratidão e reconhecimento.

Vítor Ramalho
(Secretário-Geral da UCCLA)

INTRODUÇÃO À MOSTRA NA UCCLA

A UCCLA e o Colectivo Multimédia Perve organizam, com o apoio do Museu Coleção Berardo e da Câmara Municipal de Lisboa, a Exposição “Conexões Afro-Ibero-Americanas 2.01”, com o objetivo de assinalar que em 2017 Lisboa é a Capital Ibero-Americana de Cultura e assinalar um novo rumo estratégico cultural da UCCLA, de exposições e outras iniciativas culturais de grande qualidade artística a nível nacional e internacional, de forma a potenciar as novas instalações, recentemente inauguradas.

Com base na promoção dos autores Lusófonos, a UCCLA não deixará de ampliar a sua ação a outras realidades culturais e sociedades sempre que tal se justificar. É nossa estratégia integrar as novas instalações (que partilhamos com a Casa da América Latina) no circuito museológico e cultural da área de Belém, onde nos inserimos, por razões de localização geográfica. Com a qualidade artística das obras apresentadas nas futuras exposições, pretendemos contribuir para marcar a diferença na cidade de Lisboa com a apresentação de obras de autores originários dos países de Língua Portuguesa, dos mais famosos aos mais jovens, cujas obras reflitam a realidade das respetivas sociedades e as interinfluências exercidas pela circulação de ideias, técnicas e diferentes sensibilidades do nosso mundo globalizado.

Assistimos atualmente, em alguns países, ao surgimento de ameaças à multiculturalidade das sociedades e a movimentos migratórios, exacerbados dramaticamente por guerras e conflitos diversos. Seja pela propaganda de valores isolacionistas e xenófobos, seja pela construção de sucessivos muros e políticas



Um dos painéis no III Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, em Natal, 2012 - Fonte: UCCLA

segregacionistas e repressivas contra minorias. Estas dificuldades levam a UCCLA a afirmar (nomeadamente através das suas ações concretas, desde projetos de apoio ao desenvolvimento sustentável, a encontros anuais de escritores de Língua Portuguesa, ao concurso anual UCCLA de Literatura e a mostras artísticas, como na presente exposição), que a diversidade cultural e a miscigenação entre culturas (passada e futura) são a maior riqueza dos nossos países de Língua Portuguesa.

Para as nossas duas primeiras exposições selecionámos o Colectivo Multimédia Perve, como produtor e responsável pela Curadoria, por ser uma associação de arte e cultura, sem fins lucrativos, experiente e simultaneamente depositária de um património artístico significativo e valioso das artes plásticas contemporâneas (entre os quais se destaca o da Casa da Liberdade – Mário Cesariny). Por

outro lado, partilhamos o objetivo comum de fazer das ações culturais e artísticas não só uma mera apresentação de peças artísticas, mas que a escolha dessas peças possa representar mais um elemento de ajuda à compreensão das nossas sociedades, das complexas relações e CONEXÕES entre elas e do papel do ser humano neste mundo em mudança.

O programa artístico desta exposição, da responsabilidade do curador Cabral Nunes, a quem agradecemos a parceria, está organizado em três núcleos: “Autoritarismo, Ditames e Resistência” envolve o período do Estado Novo à extinção da União Soviética; “O Dealbar das Democracias” envolve as obras influenciadas pelo período revolucionário e de construção dos sistemas democráticos; a terminar estão as obras do núcleo “Presente-Futuro”, produzidas sob os condicionalismos da atual globalização.



Abertura do Festival Todos (antiga sede - Rua de São Bento) - Fonte: UCCLA

Através deste programa expositivo pretende-se deixar patente não só o mérito das obras, mas também o diálogo de gerações de autores de diversas correntes artísticas, a complexa e dialética relação entre a afirmação identitária de autores e a afirmação identitária de espaços ancestrais, quer próximas quer distantes, juntamente com a grande capacidade de miscigenação cultural. Podemos assim assistir, num percurso museológico especificamente planeado, à pulsão das origens influenciando a renovação da criação artística e ao lançamento de múltiplas propostas, por vezes de contraditórias perceções, mas sempre projetando no Futuro, novas linhas de desenvolvimento artístico.

Os organizadores desejam que esta exposição possa contribuir para que o visitante formule interrogações, questionando-se a si próprio e à realidade que nos rodeia, contribuindo para uma melhor consciência das múltiplas conexões Afro-Ibero-Americanas. O arco-íris da paleta cromática e das conceções inerentes às obras apresentadas funciona, igualmente, como mais um alerta para a importância dos valores democráticos, da participação cívica, do desenvolvimento pacífico e sustentável, do aprofundamento da convivência multicultural e da tolerância na resolução das naturais tensões que se refletem nas nossas sociedades, enquadrando muitas das obras expostas e que são a base da liberdade criativa!

São estes valores partilhados pela UCCLA, que os considera um autêntico património imaterial da Humanidade!

Rui Lourido
(Coordenador Cultural da UCCLA)



Leonor Fini - Portrait de femme, 1958 - Aguarela sobre papel, 36x29,5 cm | LF02

SOBRE A ORGANIZAÇÃO

O Colectivo Multimédia Perve, associação de arte e cultura, sem fins lucrativos, fundada em 1997, dando expressão à sua atividade regular, que compreende a organização e produção de exposições e iniciativas artísticas e culturais, bem como a realização de parcerias com entidades afins para a persecução de objetivos comuns, estabeleceu um acordo com a UCCLA, para o biénio 2017-2018, que compreende o desenvolvimento e apresentação, no espaço de exposições da sede da UCCLA e da Casa da América Latina, de um programa expositivo específico privilegiando as artes de matriz lusófona.

Esta colaboração que se deseja prolífica, inicia-se agora, em fevereiro de 2017, com a exposição “Conexões Afro-Ibero-Americanas 2.01” que visa dar destaque à produção plástica, nas suas múltiplas vertentes, de um conjunto de autores de várias gerações que, na sua maioria e ao longo dos anos, têm sido expostos de forma sistemática por esta instituição e que representam, de forma significativa, muito daquilo que é o passado e o presente da criação artística no contexto Afro-Ibero-Americano. Este projeto expositivo enquadra-se profundamente, do ponto de vista temático e de conteúdos, na linha temática da instituição que acolhe esta exposição, a UCCLA, e na linha programática do próprio Município de Lisboa, que apoia a iniciativa e que, ao longo de 2017, vai transformar Lisboa na “Capital Ibero-americana de Cultura”.

O Colectivo Multimédia Perve, assinalando este ano 20 anos de atividade artística e cultural, apresenta assim esta primeira exposição de arte moderna e contemporânea, coorganizada com a UCCLA, contando com obras de 62 artistas relevantes de Angola, Argentina, Brasil, Cabo Verde, Chile, Cuba, Espanha, Guiné-Bissau, Portugal, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Estes autores refletem, através das obras escolhidas para a exposição “Conexões Afro-Ibero-Americanas 2.01”, a realidade histórica dos seus países de origem e a miscigenação cultural, possível num contexto alargado de mobilidade à escala global, configurando e reformulando narrativas ancestrais que, por via da globalização e do acesso às ferramentas digitais, contribuem hoje para a edificação de massa crítica e estruturação de um pensamento alargado e válido sobre a construção de novos territórios.

Partindo de um presente (globalizado), ancorado nesse passado específico e relacionado, em muitos casos, estreitamente com escolas e linguagens marcadamente locais, os artistas fazem-se portadores de um discurso sólido e internacional, dadas as muito válidas aspirações que, ao longo dos tempos, foram construindo através de formulações estéticas particulares, simultaneamente filosóficas e artísticas. É essa riqueza, essa sensibilidade, que se conecta nesta exposição.

PREÂMBULO. FUNDAMENTOS DA EXPOSIÇÃO

No século XXI, muitos dos países da América Latina e de África continuam, provavelmente, à procura de uma visão identitária de si mesmos que permita aos seus povos reencontrarem o seu passado, para além da história oficial, naquilo que possam ser raízes profundas anteriores a qualquer ocupação, para perspetivarem um futuro agregador que parta de um tempo presente onde a resolução dos antagonismos seja uma via realmente prosseguida.

Estes vastos territórios, na América Latina e em África, podem ser vistos como grandes e complexos laboratórios de culturas e civilizações, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, etnias e religiões; compreendendo estruturas de dominação e apropriação, nativismo e nacionalismo, colonialismo e imperialismo; ingressando na era da globalização.

Aí se experimentam novas formas de vida e cultura, combinando contribuições culturais astecas, maias, quéchuas, tupis, entre outras; assim como de culturas africanas (ascendendo às centenas de etnias de África, cada uma com a sua cultura e dialeto próprio), além das ibéricas e outras culturas europeias, até eslavas, árabes e asiáticas.

É neste meio pluriforme, na tentativa da construção de uma identidade com traços comuns, que surgem, ao nível das Artes, grandes coleções de arte, muitas das quais replicando, mimetizando, modelos europeus.

Após o ajuste de fronteiras, ocorrido durante o século XIX e XX, os países latino-americanos e africanos, ocuparam-se com a construção de uma narrativa de passado histórico em muitos casos também ela uma edificação da história com modelos importados da Europa.

A tarefa de construir coleções de Arte Afro-Ibero-Americana contemporâneas é fundamental, pois implica questionar a organização do presente, estabelecer vias comunicacionais e de conhecimento mútuo e também de revisão do passado.

É neste sentido que apresentamos para exposição inaugural desta parceria, um projeto expositivo designado “Conexões Afro-Ibero-Americanas 2.01”.

O projeto reflete, também, o estreitamento de relações, simultaneamente estéticas e conceptuais, entre África, América Latina e a Península Ibérica, outrora agente colonizador que o tempo, afortunadamente, transformou em entidade fraternal, procurando contribuir para a criação do debate construtivo e para a estruturação do pensamento sobre a contemporaneidade artística, estética e filosófica.

Hoje, os termos latino-americano e lusófono estão muito associados a um interesse de mercado, longe de compreenderem uma busca pela identidade, como sucedeu no decorrer do século XX, e abre uma possibilidade de estabelecer ou restabelecer vínculos, entre países, que se querem estruturais. É isto, pois, uma versão segunda, de um diálogo iniciado há muitos séculos atrás. Como se de um programa computacional se referisse, uma segunda versão revista e melhorada, 2.01, de uma relação que deve ser nutrida, deve crescer, realizar-se na forma mais plena e duradoura que os seus intervenientes, os artistas, mas não só, forem capazes de realizar.

Tal como refere José Roca, curador da Bienal do Mercosul (2011) e ex-curador da área de Arte Latino-Americana da Tate Modern, vivemos um momento “pós latino-americano”, onde não faz sentido construir uma coleção cujo indicador seja meramente territorial. Os denominadores não devem ser geográficos, mas sim temáticos.

Numa visão mais lata e geograficamente mais abrangente, dir-se-ia que vivemos um momento de pós-modernidade marcado, também, pelo desencanto (social) em relação à religião, à política e à ciência. As ideias modernas de verdade e progresso estão constantemente a ser questionadas, dando lugar à subjetividade, ao multiculturalismo, à pluralidade. Daí pode vir algo profundamente distinto, em termos de mundo, do que o até agora conhecido. Isso pode não ser o fim de um caminho, mas o seu princípio.

Em profunda consonância com esta ideia, os artistas selecionados para este projeto expositivo, tendo origens diversas e sendo de gerações distintas, revelam nas suas obras uma linha unificadora, às vezes quase humorística, na desconstrução que operam, nas temáticas específicas com que se identificam, se impregnam, fazendo dos seus discursos elementos estruturais naquilo que pode ser um pensamento, uma ação comum. Passando pela História em geral (e pela História da Arte, especificamente), abordando-a pelo lado político e social, até no modo como revelam os “monstros” oriundos das suas sociedades e da construção mitificada dos seus medos, estes artistas, ao longo do tempo, povoaram as suas criações com uma verdade perene e uma não desistência, uma resistência, a que temos de dar atenção. Como um farol na noite mais escura, estas obras apontam caminhos, saídas possíveis.

Existe, nestas obras, uma configuração e expressão que transmite um lado surrealizante da vida mas que acrescenta e explora as dualidades do mundo de hoje, preservando o sentido perene que a arte, como matéria fecunda, intemporal, pretende imprimir na realidade.

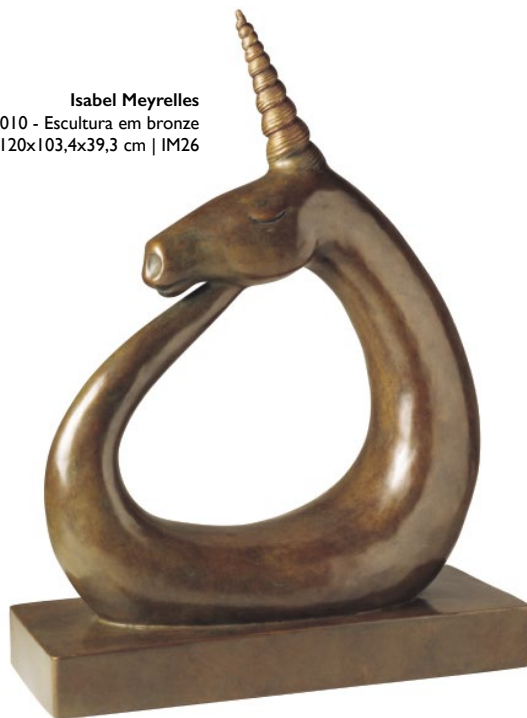
A exposição “Conexões Afro-Ibero-Americanas 2.01” apresenta, de forma não exaustiva, sintética, a arte deste vasto território e o modo como esta foi evoluindo historicamente, optando-se por dividir a mostra em três períodos, organizados em torno de

núcleos dedicados aos temas “Autoritarismo, Ditames e Resistência”, “O Dealbar das Democracias” e “Presente-Futuro”, por forma a refletir sobre os percursos e conexões que a arte, produzida num contexto Afro-Ibero-Americano, tem registado, em especial a que foi materializada a partir da década de 1940, até ao presente.

Esta mostra não teria sido possível sem o apoio e dedicação de todos os diretamente envolvidos, dos artistas e suas famílias, às instituições organizadoras e suas equipas, UCCLA, Colectivo Multimédia Perve, Casa da Liberdade – Mário Cesariny e às instituições que deram um apoio precioso, do Museu-Coleção Berardo, à Câmara Municipal de Lisboa e à Perve Galeria. A todos é devido um agradecimento muito especial. Em particular, quero expressar a minha gratidão e reconhecimento ao Secretário-Geral da UCCLA, Dr. Vítor Ramalho, e ao seu Coordenador Cultural, Dr. Rui Lourido, por tudo terem feito para que esta exposição se tornasse uma realidade.

Carlos Cabral Nunes

Isabel Meyrelles
A Licorne, 2010 - Escultura em bronze
120x103,4x39,3 cm | IM26





O primeiro momento expositivo integra obras de autores cujo trabalho começou a afirmar-se durante o período em que vigoraram regimes autoritários fascistas na Península Ibérica (Estado Novo 1933-74 e Franquismo 1939-75), nos países colonizados em África e durante as ditaduras militares que vigoraram na América Latina no decurso da Guerra Fria, que medeia o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991). Esse foi um período de enorme violência à qual a generalidade dos artistas se opôs, resistindo e enfrentando, através da arte, o jugo dictatorial.

- ALBERTO CHISSANO (MOÇAMBIQUE)
- ARTUR BUAL (PORTUGAL)
- CARLOS EURICO DA COSTA (PORTUGAL)
- CRUZEIRO SEIXAS (PORTUGAL)
- E. M. DE MELO E CASTRO (PORTUGAL | BRASIL)
- ERNESTO SHIKHANI (MOÇAMBIQUE)
- EMILIANO DI CAVALCANTI (BRASIL)
- EVANDRO CARLOS JARDIM (BRASIL)
- FERNANDO LEMOS (PORTUGAL | BRASIL)
- ISABEL MEYRELLES (PORTUGAL)
- JOAN MIRÓ (ESPAÑA)
- JORGE VIEIRA (PORTUGAL)
- LEONOR FINI (ARGENTINA)
- LUIS FEITO (ESPAÑA)
- MALANGATANA (MOÇAMBIQUE)
- MANUEL VIOLA (ESPAÑA)
- MARCELO GRASSMANN (BRASIL)
- MÁRIO CESARINY (PORTUGAL)
- ÓSCAR DOMÍNGUEZ (ESPAÑA)
- PABLO PICASSO (ESPAÑA)
- PANCHO GUEDES (PORTUGAL)
- SALVADOR DALÍ (ESPAÑA)
- WIFREDO LAM (CUBA)

ALBERTO CHISSANO

MOÇAMBIQUE

Alberto Mabungulane Chissano foi um dos mais importantes escultores moçambicanos da sua geração. Nascido em janeiro de 1934, em Manjacaze, ficou órfão de pai desde o nascimento, tendo sido educado pela mãe e pelos avós.

A avó, uma conhecida curandeira, ensinou-o a observar com atenção a natureza que o rodeava e transmitiu-lhe um vasto mundo simbólico que, de certa forma, influenciou a sua obra. Outra das influências marcantes no seu trabalho é a cultura tradicional changana, que conheceu de perto.

Exerceu um leque variado de profissões. Foi guardador de rebanhos, aprendiz de alfaiate, empregado doméstico, mineiro, militar e empregado do Núcleo de Arte de Maputo.

Iniciou-se na arte de esculpir na década de 1960, a conselho do pintor Malangatana, e fez a sua primeira exposição em 1966. A madeira é o material que Alberto Chissano usava para as suas esculturas, algumas das quais atingem cerca de três metros de altura.

A tristeza, que caracterizava o escultor, está presente em todas as suas obras, como símbolo do sofrimento, da fome e da miséria. Fez a sua primeira exposição em Portugal no ano de 1974, a que se seguiram outras nos anos 80. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, no início da década de 80. Criou na sua própria casa, a Fundação Alberto Chissano.

Suicidou-se em fevereiro de 1994, na sua residência.



Sem título, A cadeira do poder, circa 1970
Escultura em pau-ferro, 100x60x50 cm

ARTUR BUAL

PORTUGAL

Artur Bual nasceu em Lisboa, em 1926, e morreu na Amadora, em 1999. Embora sendo também escultor e ceramista, é como pintor gestualista que a sua obra artística é mais reconhecida. Com efeito, o gestualismo principiou na pintura portuguesa em 1958 com Artur Bual e foi na obra deste pintor que atingiu, e mantém ainda, a sua mais alta expressão estética.

O que na verdade a sua pintura tendia a representar (isso o iria levar, justamente, ao gestualismo) era o próprio ato de pintar.

Realizou inúmeras exposições em Portugal e no estrangeiro, estando representado em diversas coleções: Palácio da Justiça de Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian e em museus nacionais, câmaras municipais, no Centro de Formação Profissional de Pegões e no Governo Regional dos Açores, entre muitas outras instituições. Na sua vasta obra destacam-se os frescos realizados em doze capelas, no Alentejo e Ribatejo e os painéis para a Estação de Comboios da Amadora.

A aplicação multimédia interativa “Trilogia com Artur Bual”, cujo protótipo se apresenta nesta exposição, foi realizada pelo Colectivo Multimédia Perve, em 2001, tendo sido distinguida com vários prémios, entre os quais o “EUROPRIX - Top Talent Award Nominee”, não obstante permanecer inédita.

Em 2015, a Perve Galeria e a Casa da Liberdade - Mário Cesariny realizaram uma ampla mostra retrospectiva da sua obra.



Sem título, 1981 - Óleo sobre platex, 71x48 cm | AB9

CARLOS EURICO DA COSTA

PORTUGAL

Carlos Eurico da Costa nasceu em Viana do Castelo, em 1928, tendo falecido em Lisboa, em 1998.

Foi um artista plástico e escritor surrealista, com atividade destacada também no jornalismo e na indústria da publicidade.

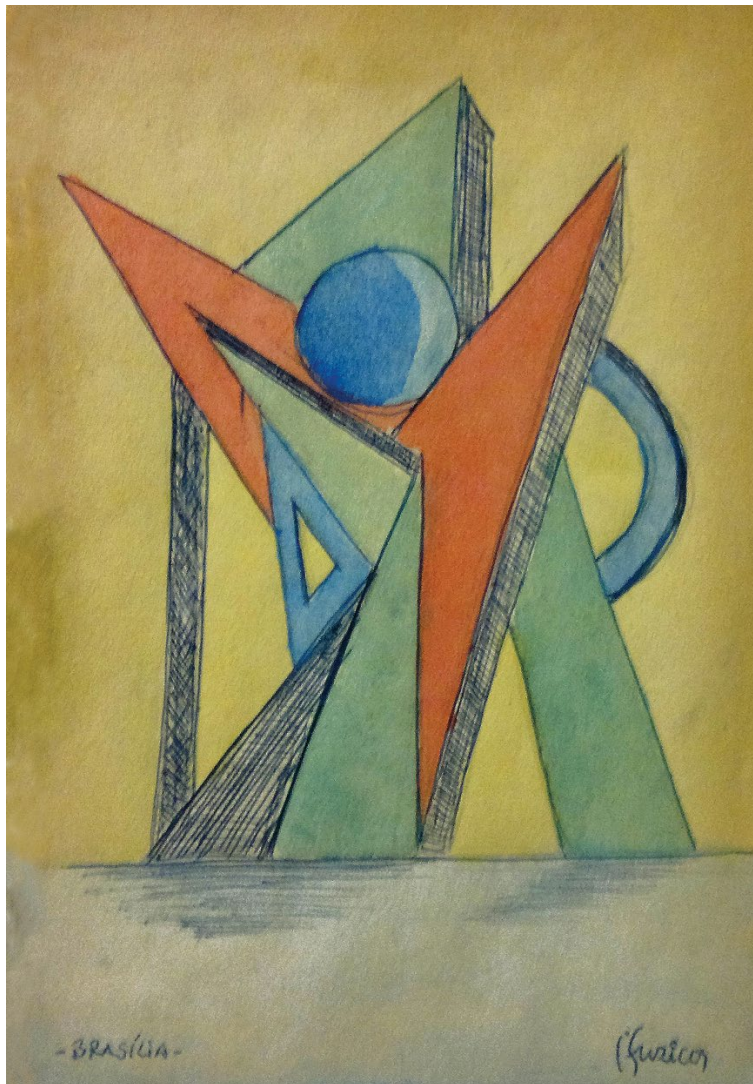
Trabalhou nos jornais “Diário de Lisboa” e “Diário Ilustrado” do qual viria a ser afastado num processo político que ficou marcado na história do jornalismo português. Colaborou em publicações como a “Seara Nova”, “Árvore”, “Serpente” e “Diário de Notícias”.

Manteve uma intensa atividade como crítico cinematográfico e foi dirigente cineclubista.

O seu nome ficou ligado à história do Surrealismo português. Integrou, em 1949, com os desenhos “Grafoautografias”, a primeira exposição dos surrealistas portugueses, com nomes como Henrique Risques Pereira, Mário Cesariny de Vasconcelos, Pedro Oom, Fernando José Francisco, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, Fernando Alves dos Santos, Artur do Cruzeiro Seixas, Artur da Silva, António Paulo Tomaz e Carlos Calvet.

Em 1951 foi um dos protagonistas da rutura dentro do movimento surrealista português, ao subscrever a resposta a Alexandre O'Neill no panfleto coletivo “Do Capítulo da Proibidade”. Opositor ao Estado Novo, chegou a ser preso por motivos políticos enquanto cumpria serviço militar obrigatório. Manteve uma constante atitude de intervenção cívica, ligado aos meios oposicionistas à ditadura portuguesa. Foi membro da direção da Sociedade Portuguesa de Escritores e presidente da Associação da Imprensa Diária. Entre muitas atividades na área do associativismo, foi fundador, em 1979, da Associação de Cooperação com as Nações Unidas em Portugal.

Desenvolveu destacada atividade profissional na área das relações públicas e da publicidade, com responsabilidades de direcção na empresa CIESA-NCK e no grupo empresarial Sociedade Nacional de Sabões.



Brasília, s.d. - técnica mista sobre papel, 21x14 cm | EC01

CRUZEIRO SEIXAS

PORTUGAL

Nasceu em 1920, na Amadora. Frequentou a Escola António Arroio, em Lisboa. Em 1948 adere ao grupo “Os Surrealistas”, com Mário Cesariny, Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, Fernando José Francisco, Fernando Alves dos Santos e Carlos Calvet. Nos anos 50 deixa Portugal e parte em direção a África, fixando-se em Angola. Com o intensificar da guerra colonial abandona África e regressa a Portugal onde produz ilustrações para a “Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica” de Natália Correia e, em 1967, inaugura com Mário Cesariny a exposição “Pintura Surrealista”, na Galeria Divulgação, no Porto. Em 1969, novamente com Cesariny, integra a Exposição Internacional Surrealista na Holanda, e durante a década de 70 mostra trabalhos seus em inúmeras coletivas do movimento surrealista internacional, principalmente aquelas ligadas ao Grupo Phases ao qual havia, entretanto, aderido.

Nas décadas seguintes, depois de cortar relações com Cesariny, afasta-se dos circuitos de consagração mercantil e institucional. Fixa-se no Algarve e continua a apresentar os seus trabalhos em exposições individuais e coletivas.

A Perve Galeria, em 2006, apresentou “Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco e o passeio do cadáver esquisito”. Esta exposição marcou o reencontro dos três artistas. Foram apresentadas obras originais realizadas entre 1941 e 2006 - ano em que realizou um conjunto inédito de 12 “Cadavres Exquis”.

Em 2012 a mesma galeria apresenta a exposição antológica “Homenagem a Cruzeiro Seixas”, com obras da sua autoria, realizadas entre 1940 e 2010. Cruzeiro Seixas está representado em inúmeras coleções, de que são exemplo: a coleção do Museu do Chiado (Lisboa); Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa); Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro; Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra); Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco); Fundação António Prates (Ponte de Sor); Fundação Cupertino de Miranda (V.N.Famalicão) ou Fundación Eugénio Granell (Galiza). A obra de Cruzeiro Seixas assume uma posição de destaque na coleção Lusofonias que ostenta um núcleo significativo de trabalhos realizados ao longo dos anos em que viveu em Angola, em especial desenhos e pinturas de forte matriz africana (não africanista ou exótica).



Sem título, 1962

Óleo sobre cartão, 32,5x23 cm | CSI66

E. M. DE MELO E CASTRO

PORTUGAL | BRASIL

E. M. de Melo e Castro é o nome literário de Ernesto Manuel Galdes de Melo e Castro. Engenheiro, escritor, poeta experimental, crítico, ensaísta e artista plástico, Melo e Castro é um nome consagrado na poesia visual e experimental, atuante em Portugal e no Brasil.

Nasceu em 1932, na Covilhã Estudou em Santo Tirso e depois em Lisboa. Chega a frequentar a Faculdade de Medicina, que cedo descobre não ser a sua vocação. Três anos mais tarde (1953) parte para Bradford (Inglaterra) onde, em 1956, se forma em Engenharia Têxtil pelo Instituto Tecnológico de Bradford. Em 1957 inicia uma carreira de tecnólogo têxtil que se estenderá 40 anos e ao longo das quais desempenhou funções diversificadas, do ensino do desenho e tecnologia têxteis, à direção técnica ou à consultoria.

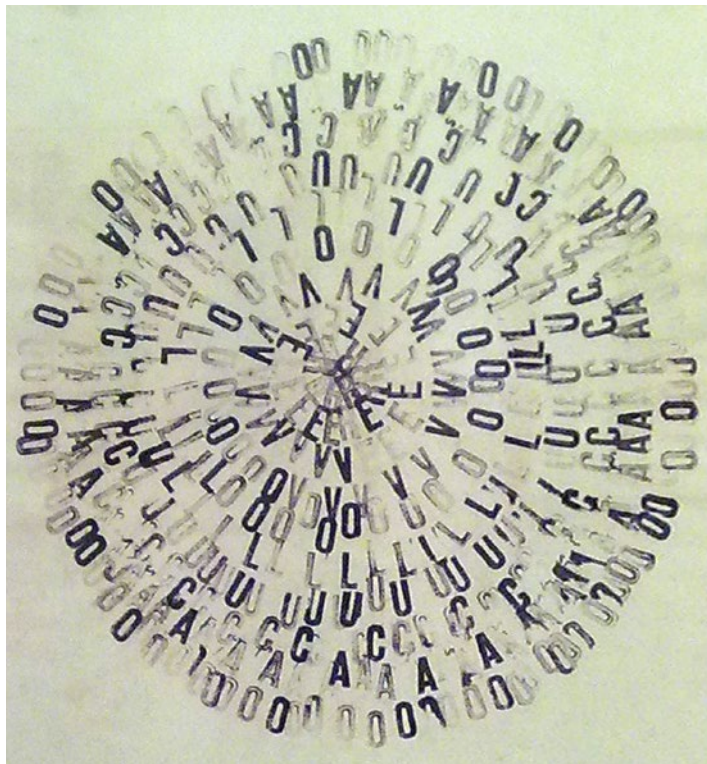
Paralelamente desenvolveu uma intensa atividade cultural, de criação poética e artística e de reflexão crítica, assinalada pela publicação de livros de poesia e crítica literária. A partir de 1996 dedica-se exclusivamente à atividade literária, no plano criativo, crítico e pedagógico. Fixa residência em São Paulo durante cinco anos. Em 1998, obtém o seu doutoramento em Letras na Universidade de São Paulo, defendendo a tese “Poesia dos Países Africanos de Língua Portuguesa: Percursos Comparatistas com as Poesias Portuguesa e Brasileira”.

Melo e Castro é um dos artistas que marcou decisivamente o contexto português nas décadas de 60 e 70.

A sua obra interroga o signo, o objeto e o processo criativo a partir da sua infinita curiosidade pelo modo como a tecnologia redefine as situações de comunicação e de significação na vida contemporânea, cruzando a experiência de novos caminhos com a reflexão teórica. Procurando sempre fazer o que ainda não foi feito, a obra de Melo e Castro assume, de modo explícito, a sua relação com uma tradição literária e com uma tradição artística que assume a sua filiação em movimentos de vanguarda e de rutura como o dadaísmo ou a arte conceptual.

A sua obra assume-se multifacetada, apresentando-se sob, por exemplo, a forma de performance, videopoemas, infopoemas, poesia sonora, sintagmas, poesia cinética, poemas filmicos, pintura e desenho.

Melo e Castro é autor do manifesto da poesia experimental “A proposição 2.01: poesia experimental”. A sua criação literária desenvolve-se na linha das poéticas de vanguarda. É também autor de várias obras no domínio do Design e da Engenharia Têxtil.



Sem título, n.d. - Técnica mista sobre papel, 38x29 cm | EMC02

ERNESTO SHIKHANI

MOÇAMBIQUE

Ernesto Shikhani nasceu em 1934, em Moçambique, e aí morreu em 2010. Contemporâneo dos reconhecidos artistas moçambicanos Malangatana e Chissano, começou a dedicar-se à escultura no Núcleo de Arte (Maputo) com o mestre escultor português Lobo Fernandes. Em 1963, torna-se assistente do Professor Silva Pinto.

Apresentando-se, convictamente, como nacionalista, enfrentou diversos obstáculos, perseguindo sempre ideais de liberdade.

A partir de 1970 começa a dedicar-se à escultura. A sua primeira exposição individual dá-se em 1968. Em 1973, recebe uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para realizar uma exposição individual. Até 1979 orienta aulas de Desenho no Auditório-Galeria, na cidade da Beira. Em 1982, recebe uma bolsa de estudo de seis meses, na ex-URSS. Em 2004, a Perve Galeria realizou uma exposição retrospectiva dos seus 40 anos de Pintura e Escultura onde também foi exibido um vídeo-documentário realizado por Cabral Nunes, entre 1999 e 2004, que aborda o seu percurso plástico e vivencial, com entrevistas e imagens das suas obras de arte pública. Ainda por intermédio da Perve Galeria, participa nas feiras Arte Lisboa (2004, 2005 e 2010) e Arte Madrid (2006 e 2007).

A sua obra está representada em diversas coleções públicas e privadas, no seu país, na Índia, nos Emirados Árabes Unidos, na Tunísia, em Espanha, França, Portugal e Reino Unido. Destaque para as obras incluídas nas coleções do Museu Nacional de Arte de Moçambique, Culturgest - Grupo Caixa Geral de Depósitos (Lisboa), Centro de Estudos de Surrealismo/Fundação Cupertino de Miranda (Portugal) e na Coleção Lusofonias, que a Perve Galeria dedica à arte moderna e contemporânea dos países de língua oficial portuguesa. No âmbito da itinerância desta coleção, a sua obra foi apresentada em Lisboa (2009 e 2010), Dacar (2010), Palácio do Egipto (Oeiras, 2012/13), na Índia (2015) e no Palácio da Independência (Rossio, 2015).

A sua obra foi ainda selecionada para ser apresentada em 2015 e 2017 na secção de Arte Moderna da Art Dubai, uma das mais importantes feiras de arte do mundo, que teve lugar nos Emirados Árabes Unidos.



Sem título, 1973
Óleo sobre tela, 80x100 cm | S102

EMILIANO DI CAVALCANTI

BRASIL

Pintor modernista, ilustrador, muralista e caricaturista, Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo ficou conhecido como Di Cavalcanti.

Carioca, nascido no Rio de Janeiro, em 1897, iniciou a sua trajetória artística muito cedo. Teve aulas de pintura na infância e aos 17 anos fez o seu primeiro trabalho de ilustração para a revista “Fon-Fon”. Desde então realizou vários trabalhos de ilustração, incluindo a revista “A Cigana” e ilustrações de livros.

Di Cavalcanti era uma figura proeminente na esfera cultural da cidade de São Paulo e, em 1922, juntamente com Mário de Andrade e Oswald de Andrade, idealizou a Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo. Criou para o evento várias peças promocionais incluindo o catálogo e programa e expôs 11 telas.

Morou em Paris, no Rio de Janeiro e em Recife, realizando vários trabalhos para jornais da época.

Em 1926, a residir no Rio de Janeiro, fez a ilustração da capa do livro “O Losango de Cáqui” de Mário de Andrade. Mais tarde ilustrou também livros de Vinicius de Moraes e Jorge Amado. Entre os anos de 1936 e 1940 Di Cavalcanti regressou à Europa, muito provavelmente para fugir às perseguições políticas que lhe eram movidas, em função dos seus ideais comunistas. Expôs em Bruxelas, Amsterdão, Paris e Londres e conviveu com artistas como Picasso e Matisse.

Em 1951 participou da Bienal de São Paulo e nos anos seguintes ganhou o prêmio de melhor pintor brasileiro. Em Itália recebeu o prêmio da mostra Internacional de Arte Sacra de Trieste. A sua obra assume uma notória influência do Expressionismo, do Cubismo e dos muralistas mexicanos como Diego Rivera.

Foi um dos primeiros pintores a abordar temas da cultura brasileira e temas sociais como o samba, os operários e as festas populares. Debruçou-se também sobre temas relacionados com a sensualidade tropical do Brasil. Entre as principais obras de Di Cavalcanti estão “Pierrete” (1922); “Pierrot” (1924); “Samba” (1925); “Mangue” (1929); “Mulheres com Frutas” (1932); “Músicos” (1963); “Rio de Janeiro Noturno” (1963); “Mulatas e Pombas” (1966) e “Baile Popular” (1972). Di Cavalcanti morreu a 26 de outubro de 1976, no Rio de Janeiro.



Vendedora da Bahia, 1956
Óleo s/ tela, 98x79 cm

EVANDRO CARLOS JARDIM

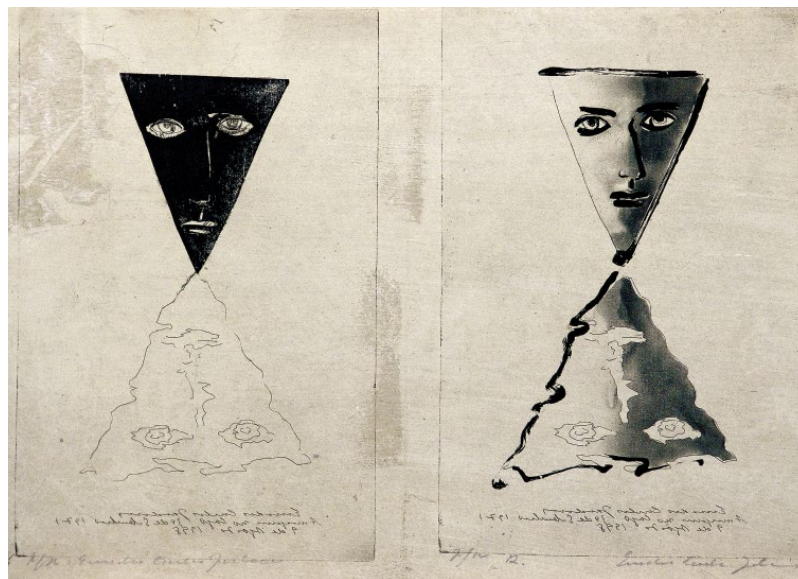
BRASIL

Gravador, desenhista, pintor, ingressou em 1953 na Escola de Belas Artes de São Paulo, onde estudou pintura, modelagem e escultura. Entre 1956 e 1957, estudou gravura em metal com Francesc Domingo Segura, especializando-se na técnica de água-forte. Paralelamente à carreira artística, foi também docente em instituições como a Escola de Belas Artes, a Fundação Armando Álvares Penteado e a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Iniciou o seu trabalho artístico na década de 1950. Conviveu com importantes personalidades do modernismo de São Paulo, entre os quais Sérgio Milliet. É através das bienais que entra em contato com a produção moderna internacional, interessando-se por artistas como Munch, Kokoschka e Morandi.

Nos seus primeiros trabalhos a gravura assume profunda semelhança com o desenho através do riscado na chapa de cobre com buril e ponta-seca. Nos anos de 1960 relaciona registros técnicos e estéticas diferentes, onde figuras mais realistas são combinadas com formas geométricas e grafismos gestuais. Na série “Interlagos” (1967) mistura grandes formas negras com desenhos manchados da paisagem urbana. Realiza, em 1973, a individual “À Noite”, no MASP, onde apresenta gravuras e objetos tridimensionais em bronze, ferro, alumínio e madeira. Trabalha com um repertório reduzido de imagens e por vezes as mesmas formas aparecem em diferentes trabalhos, com novos significados.

Na fase de maturidade da sua obra tira proveito dos diferentes registros gráficos e disciplinas artísticas para representar imagens e temas do cotidiano. Explora temas como a natureza-morta, o retrato e a paisagem e passa a pintar com maior intensidade, incentivado pelo marchand Antônio Maluf. Na década de 1980, as figuras ganham maior independência. Em 1991, exhibe a série “Figuras Jacentes” na Galeria São Paulo, onde a relação entre os elementos é ainda mais rarefeita, com as imagens distribuídas no papel em branco, manchado e dividido em quadriláteros. As imagens não seguem nenhuma ordem, estabelecendo relações inesperadas umas com as outras.



Sem título, 1971
Gravura (Metal), díptico, PA, 26,5x28,50 cm | EVJ01

FERNANDO LEMOS

PORTUGAL | BRASIL

Nasceu em 1926, em Lisboa. Designer gráfico, fotógrafo, desenhista, pintor, tecelão, gravador, muralista e poeta. Após cursar a Escola de Artes Decorativas António Arroio, entre 1938 e 1943, estudou pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa.

Dedicou-se mais intensamente à fotografia no início da década de 1950. Regista imagens de intelectuais e artistas ligados ao movimento surrealista e também imagens quotidianas, transformadas por efeitos de luz. Atua como desenhista em litografias industriais e colabora com poemas e ilustrações na revista Uni/Pentacórnio. Viaja para o Brasil e fixa-se em São Paulo, em 1953. Passa então a trabalhar com desenho e pintura, apresentando uma produção não figurativa. Leciona artes gráficas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Entre 1968 e 1970, ocupa a presidência da Associação Brasileira de Desenho Industrial - ABDI, da qual é membro fundador. Como escritor e ilustrador, integra a redação do jornal "Portugal Democrático", órgão dos exilados políticos portugueses no Brasil, entre 1955 e 1975.

Em 2003, é publicado o livro "Na Casca do Ovo, o Princípio do Desenho Industrial", com escritos sobre design. Recentemente a sua obra foi mostrada, em retrospectiva, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, naquela que é das mais relevantes instituições brasileiras ligadas às artes.

A Perve Galeria homenageou o autor com a apresentação da exposição "Desenho Diacrónico", em 2011, que mostrou 50 pinturas de pequeno formato que o autor foi realizando ao longo do ano de 2010, num registo de crónica plástica evolutiva e sùmula diarística.



Sem título, 1998 - Aguarela sobre papel, 37x52 cm | FL60



Sem título, n.d. - Aguarela sobre papel, 33x49 cm | FL62

ISABEL MEYRELLES

PORTUGAL

Escultora e poetisa portuguesa nascida em 1929, em Matosinhos. Isabel Meyrelles mostrou cedo o seu interesse pela escultura. Aos 16 anos iniciou os estudos no Porto, mas decidiu mudar-se para Lisboa, onde veio a conhecer vários artistas nas tertúlias e nos cafés.

Tornou-se íntima de personalidades das artes, como Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e Natália Correia, assistindo ao surgimento do “Grupo Surrealista de Lisboa” e de “Os Surrealistas”. A partir de então, ficaria para sempre ligada a essa corrente artística, lançada em Portugal, pelos dois grupos.

Na década de 1950, face aos tempos difíceis que se viviam em Portugal, Isabel Meyrelles sentiu necessidade de evasão e de sair do país para viver em liberdade. Fixou-se em Paris, França, o seu país de adoção, com o qual se identifica, e onde reside até hoje. Em Paris prosseguiu os estudos, desta vez não só de Escultura, na École National Supérieure des Beaux-Arts, como também de Literatura, na Sorbonne.

Em 1971 funda o “Botequim” com Natália Correia, onde, nas décadas de 1970-80 se reuniu grande parte da intelectualidade portuguesa.

Realizou inúmeras exposições em Portugal e em França. Traduziu poesia de variadíssimos autores de entre os quais se destaca Jorge Amado. A sua obra poética e literária foi publicada em português e francês: “Em Voz Baixa” (1951), “Palavras Noturnas” (1954), “O rosto deserto”(1966), “O Livro do Tigre” (1976) e “O Mensageiro dos Sonhos” (2004).

Recebeu vários prémios e foi distinguida com o grau de Comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada. A sua obra escultórica está presente em coleções nacionais e internacionais.



O Vigia, 2010 - Escultura em bronze
109,5x87,5x44 cm | IM27

JOAN MIRÓ

ESPAÑA

CD_ROM "EL COLOR DE LOS SUEÑOS"

Joan Miró nasceu em Barcelona, em 1893, e faleceu em Palma de Maiorca em 1983. Pintor, escultor, gravador e ceramista, ingressou na Academia de Arte dirigida por Francisco Galí, onde conheceu as últimas tendências da arte europeia. Até 1919 a sua pintura esteve dominada por um expressionismo formal com influências fauvistas e cubistas, centrada em paisagens, retratos e nus. É nesse mesmo ano que viaja a Paris, onde conhece Picasso, Jacob e alguns membros da corrente dadaísta, como Tristan Tzara. A sua pintura começa então a evoluir para uma maior definição formal, agora cinzelada por uma forte luz que elimina os contrastes. Do ponto de vista temático, veem-se os primeiros sinais de uma linguagem entre o onírico e o fantasmagórico, muito pessoal e igualmente de raiz popular, que viria a marcar toda a sua trajetória posterior.

Afim dos princípios do surrealismo, Miró assinou o "Manifesto" (1924) e incorporou na sua obra as inquietudes próprias do movimento, como os hieróglifos e os signos caligráficos. Outra grande influência da época viria de Paul Klee, do qual recebe o gosto pela configuração linear e recriação de atmosferas etéreas e matizados campos cromáticos.

Em 1928, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque adquiriu duas telas suas, o que lhe valeu um primeiro reconhecimento internacional da sua obra. Um ano depois casa com Pilar Juncosa. Durante estes anos questionou o sentido da pintura, um conflito que se reflete claramente na sua obra. Por um lado inicia a série de "Interiores holandeses", variadas recriações de pinturas do século XVII caracterizadas pelo retorno parcial à figuração e uma marcada tendência para o preciosismo que se manteria nos seus manequins coloridos, lúdicos e poéticos para "Romeo y Julieta" dos Ballets Russos de Diaghilev (1929). A sua pintura posterior foge num sentido de maior aridez, esquematismo e abstração conceptual. Por outro lado, nas suas obras escultóricas, optou pela utilização de materiais reciclados e resíduos.



"Joan Miró. 'El Color de los Sueños'"

Imagens da aplicação multimédia interativa com extensa compilação audiovisual e textual sobre a obra, a vida, a personalidade e o contexto de Joan Miró. Realizada em 1998 pelo Instituto Audiovisual da Universidade Pompeu Fabra, em parceria com a Fundação Joan Miró e "Club d'Investissement MEDIA" da União Europeia. Distinguida com o "Spanish Möbius 1998 award" (na categoria cultural) e 1.º prémio no III Concurso de Autores Multimédia (SGAE/Fundación Autor, 1998).

JORGE VIEIRA

PORTUGAL

Frequenta a Escola de Belas-Artes de Lisboa, entre 1944 e 1953, onde se forma em Escultura. Após terminar o curso inscreve-se na Slade School, em Londres. A sua primeira exposição individual realiza-se em 1949, na SNBA.

Em 1953, participa num concurso internacional de escultura patrocinado pelo Institut of Contemporary Arts, de Londres, com o projeto para o monumento “O prisioneiro político desconhecido”, que viria a ser selecionado, exposto na Tate Gallery e premiado. Essa obra, de protesto contra o Estado Novo, apenas viria a ser erigida em 1994, na cidade de Beja. Vieira conceberá outras intervenções para o espaço público, entre as quais: o grupo de baixos-relevos para o Bloco das Águas Livres (1956); uma peça em aço para o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (1972); o Monumento ao Mineiro, em Aljustrel (1986–1988); ou as Joaninhas colocadas em frente aos Paços do Concelho de Lisboa (1998).

Em 1958 participa na Feira Internacional de Bruxelas, sendo o único escultor português selecionado para figurar na exposição “50 ans d’art moderne”. Em 1961, obtém o 1.º prémio de Escultura da 2.ª exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1964 não é aprovado como docente de Escultura, na Escola de Belas-Artes de Lisboa, devido às suas posições políticas. Será admitido na Escola de Belas-Artes do Porto, em 1976, transitando em 1981 para a Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde se jubilará em 1992.

Em 1982 adquire uma casa numa povoação nos arredores de Estremoz. A ligação com o Alentejo levará o município de Beja a inaugurar, em maio de 1995, a Casa das Artes Jorge Vieira, museu monográfico que acolhe grande parte do seu espólio. O período final da carreira do escultor é marcado pela inauguração de uma importante retrospectiva no Museu do Chiado (1995) e pela encomenda feita para a Expo’98, que lhe proporcionou uma maior visibilidade pública (Homem-sol, 1998).



Sem título, 1968 - Escultura em terracota com engobe
Exemplar 5/21, 46x26x17 cm | JV42

LEONOR FINI

ARGENTINA

Pintora surrealista, nascida na Argentina, filha de mãe italiana. A passagem de Leonor Fini pela Argentina foi rápida, pois com apenas um ano de idade, a mãe levou-a para Trieste (Itália), após o divórcio.

Leonor Fini frequentou os meios boêmios da Europa e apesar de autodidata consagrou-se como uma das mais destacadas figuras femininas do movimento surrealista. Mudou-se para Paris, em 1933, e no início da sua estadia na cidade do Sena, estabeleceu amizade com autores tão representativos do Surrealismo como o poeta Paul Éluard ou os pintores Max Ernst - com quem inclusivamente manteve uma relação amorosa - René Magritte e Victor Brauner. Conviveu, também, com Pablo Picasso, Salvador Dalí e Giorgio De Chirico e, em 1935, realizou a sua primeira exposição individual.

Ficou conhecido o guarda-roupa que desenhou para a bailarina Margot Fonteyn, no seu papel de Agata com coreografia de Roland Petit, apresentado em Paris. Foi também Leonor quem desenhou o guarda-roupa para os filmes Romeu e Julieta (1954) e Satyricon (1969) do grande realizador italiano Federico Fellini.

Leonor Fini tem uma obra extensa e diversificada. Ilustrou primorosamente livros para crianças. Entre os mais notáveis figuram desenhos para obras de Baudelaire, Jean Genet, Sade e Edgar A. Poe.

O distanciamento de Leonor do movimento surrealista acentuou-se com o passar do tempo, devido à atitude intolerante de André Breton. Se, por um lado, participou dos postulados estéticos do movimento, por outro, Fini conservou sempre uma certa independência, tanto a nível plástico como técnico. A sua obra pouco reflete processos como o “automatismo psíquico puro”, pedra angular do movimento. Esta independência permitiu que se refugiasse num estilo figurativo com forte componente onírica.

As máscaras que concebeu para a Comédie Française, para a Ópera de Paris, bem como para Teatro alla Scala, de Milão, mostram outro lado criativo desta excepcional artista. As suas obras estão em muitos museus do mundo e, desde o ano da sua morte, 1996, que se têm vindo a realizar exposições retrospectivas dos seus trabalhos, como as de 1997 e 1998, em Nova Iorque e Boston.



Maquette pour Penhesilée de Kleist, 1958 - Tinta da china sobre papel, 36x29,5 cm | LF01

LUIS FEITO

ESPAÑHA

Nascido em 1929, em Madrid, Luis Feito é um importante pintor espanhol, membro fundador do grupo “El Paso”. O seu estilo evoluiu no sentido da abstração, com uma pintura harmoniosa, de um refinamento estético que se distancia um pouco da violência expressiva do “Informalismo”. Parte significativa da sua obra encontra-se no Museu Espanhol de Arte Abstrata de Cuenca. Está também presente em museus no Japão, Helsínquia, Ottawa, Roma, Paris e Nova Iorque.

Estudou na Escola de Belas Artes de San Fernando, em Madrid, onde ingressou em 1950, e viria a ser professor de desenho desde 1954. Como bolseiro do governo francês, estabeleceu-se em Paris em 1956. No ano seguinte, fundou, com Saura, Rivera, Viola, Canogar e Millares, entre outros, o grupo de “El Paso”. Em 1981 deixa Paris e muda-se para Montreal (Canadá) até 1983, data em que se estabeleceu em Nova Iorque.

A sua produção, que parte da arte figurativa, passou por um período cubista e culminou na abstração em 1953. Influenciado pelo automatismo e pintura matérica, introduz areia nos seus óleos, que mistura com ocre, branco e preto. A partir de 1962 junta a esta paleta de cores o vermelho que, desde então, assumiu nas suas produções como um contraponto de simplificação formal e material das suas composições, onde predominavam formas circulares. Nos anos de 1970, promove uma aproximação à geometrização, aproximação essa que se fez plena a partir de 1975.

Luis Feito realiza a sua primeira exposição na Galeria Fernando Fe (Madrid, 1954) e, desde então, apresentou o seu trabalho em inúmeras exposições individuais e coletivas, tanto em Espanha como no exterior (Estados Unidos, Alemanha, Itália, França, Japão, entre outros países). A sua obra está atualmente representada em importantes centros de arte contemporânea de todo o mundo.



Sem título, 2006 - Acrílica - Marouflé sur toile, 63,5x91 cm | FT9

MALANGATANA

MOÇAMBIQUE

Malangatana Valente Ngwenya nasceu em 1936, em Maputo, Moçambique, vindo a falecer em Portugal, em 2011. Estudou na escola primária de Matalana e, posteriormente, em Maputo, nos primeiros anos da Escola Comercial. Foi pastor, aprendiz de medicina tradicional e empregado no clube da elite colonial de Lourenço Marques.

Tornou-se artista profissional em 1960, graças ao apoio do arquiteto português Pancho Guedes, que lhe cedeu a garagem para ateliê e que lhe adquiria dois quadros por mês.

Foi detido pela polícia colonial, acusado de ligações à FRELIMO e ficou preso durante cerca de dois anos, tendo aí conseguido pintar alguns trabalhos: “Guerrilheiros: Momentos de Decisão” é disso testemunho. Após a independência foi um dos criadores do Museu Nacional de Artes de Moçambique, onde procurou manter e dinamizar o Núcleo de Arte.

Malangatana destaca-se não só como artista plástico, mas também como poeta. A sua obra é hoje reconhecida em Moçambique e internacionalmente.

Com a Perve Galeria participou em diversas mostras coletivas como a exposição “Maniguemente Ser”, em 2001 ou “Da Convergência dos Rios”, em 2004. Esteve representado por esta galeria na Feira de Arte Contemporânea Arte Lisboa 2004 e 2005 e em 2006 e 2008, na Arte Madrid. Foi galardoado com vários prémios tais como o 1.º Prémio de Pintura “Comemorações de Lourenço Marques”, 1962; Diploma e Medalha de Mérito da Academia Tomase Campanella de Artes e Ciências, Itália, 1970; Medalha Nachingwea pela contribuição para a Cultura Moçambicana, 1984; prémio da Associação Internacional dos Críticos de Arte, Lisboa, 1990. Em 1995 foi condecorado, em Portugal, como Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique e, em 1997, com o prémio Príncipe Klaus. A sua vasta obra encontra-se em vários museus e galerias públicas, bem como em coleções privadas de várias partes do Mundo. Malangatana faleceu em 2011, em Matosinhos.



Guerrilheiros: Momentos de Decisão (moldura de Naftal Langa, 1971), 1968
Óleo sobre platex, 130x110 cm | MAL01

MANUEL VIOLA

ESPAÑA

Não tinha ainda completado 15 anos e já era colaborador da revista de Art, uma das melhores publicações de vanguarda na Catalunha durante os anos 30, altura em que a sua obra se insere na estética surrealista.

Durante a Guerra Civil luta nas fileiras do POUM (Partido Operário de Unificação Marxista), o que o levou depois ao exílio em França, onde se envolveu com a Resistência Francesa e militou no grupo clandestino surrealista “La Main à Plume”, liderado pelo poeta Noel Arnaud.

A partir de 1944, dedica-se mais intensamente à pintura, no contexto artístico francês, evoluindo do Surrealismo à Abstração Expressionista, especialmente influenciado pelo pintor Henri Goetz. Em 1949 regressa a Espanha e, em 1953, os membros do “El Paso”, que se formara no ano anterior, convidam-no a juntar-se ao grupo.

A partir desse período dá-se a consolidação do seu estilo, que responde à combinação de uma técnica gestual com uma obsessão com os contrastes de luz e sombra, consubstanciado em poderosos arrastamentos a branco ou com cores quentes sobre fundos muito escuros; uma estética que tem sido associada à tradição espanhola. Passou os últimos anos da sua vida retirado em El Escorial.



Sem título, n.d - Óleo sobre madeira, 27x22 cm | MVL01

MARCELO GRASSMANN

BRASIL

Gravador, desenhista, ilustrador e professor brasileiro, Marcelo Grassmann nasceu em São Paulo, Brasil, em 1925, onde veio a falecer em 2013.

Com um interesse inicial pela escultura e gravura, dedica-se à xilogravura nos anos 40 e nos anos 50 distingue-se na litografia, na gravura em metal e no desenho.

Ganhou vários prêmios internacionais, entre os quais se destacam o do I Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1953, da III Bienal de São Paulo em 1955, da XXXI Bienal de Veneza em 1958, com o prêmio de Arte Sacra e, ainda, o prêmio da III Bienal de Artes Gráficas de Florença em 1972.

Influenciado pelo artista austríaco Alfred Kubin e pelos gravadores brasileiros Oswaldo Goeldi e Livio Abramo, Grassman acabou por desenvolver um estilo muito próprio, recorrendo a figuras oníricas, como cavaleiros, donzelas, caranguejos, cavalos, morte e outras criaturas fantásticas. Grassmann também foi autor de um vasto número de desenhos.

Em 1969, a sua obra completa é adquirida pelo governo do Estado de São Paulo, passando a integrar o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 1978, a casa onde nasceu foi transformada em museu, por iniciativa da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, e classificada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo. A sua obra está também representada nas coleções do MoMa em Nova Iorque, da Biblioteca Nacional de Paris e do Museu de Belas-Artes de Dallas, entre outras.



Sem título, 1954/2006 - Xilogravura - PA, 65x79 cm | MGSSv02

MÁRIO CESARINY

PORTUGAL

Mário Cesariny nasceu em 1923, em Lisboa, onde veio a falecer em 2006. Estudou na Academia de Amadores de Música sob a orientação de Fernando Lopes Graça, ingressando na década de 1940 na Escola António Arroio, onde conheceu Marcelino Vespeira, Fernando Azevedo, Pomar, Fernando José Francisco e Cruzeiro Seixas, entre outros.

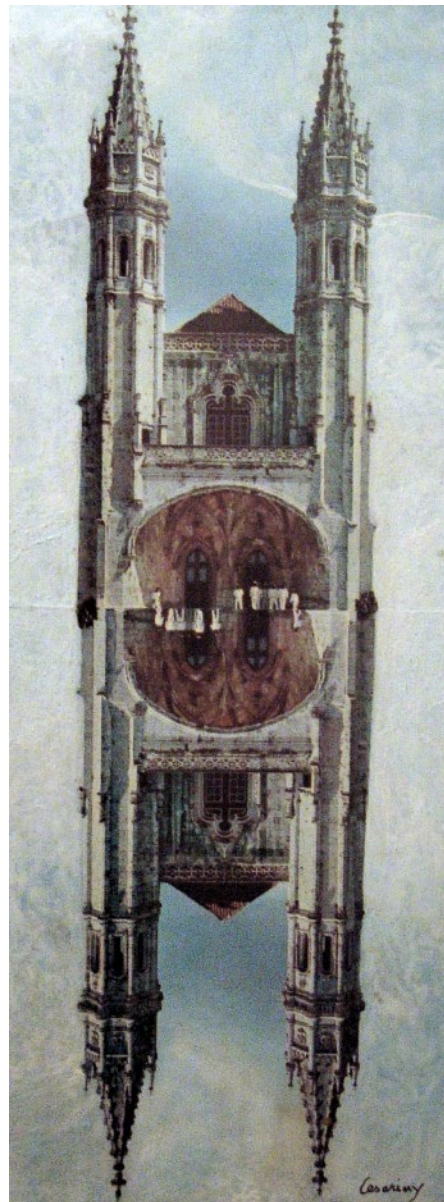
Depois de uma breve passagem pelo neorrealismo, adere ao surrealismo. É em 1947 que tem contacto mais formal com o movimento internacional. Conhece André Breton, autor do manifesto surrealista, em Paris. Nesse mesmo ano forma-se o Grupo Surrealista de Lisboa (GSL) que incluía, entre outros nomes, Alexandre O'Neill e António Pedro. Dissidente deste primeiro grupo, Cesariny forma "Os Surrealistas", a que se associam Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, Fernando José Francisco, Fernando Alves dos Santos e Carlos Calvet.

Apresentará, pela primeira vez, obras de sua autoria na primeira exposição coletiva "Os Surrealistas", em 1949, na antiga sala de projeções Pathé-Baby.

Pinturas, colagens, 'soprografias', e cadavres-exquis fazem parte da sua obra plástica. No entanto, a pintura e a poesia foram sempre aliadas em Cesariny: muitas obras incluem palavras recortadas, conjugações de textos e imagens, e outras formas experimentais. A sua obra poética e teórica inclui *Corpo Visível* (1950), *Manual de Prestidigitação* (1956), *Nobilíssima Visão* (1959), *As mãos na água a cabeça no mar* (1972), *Primavera Autônoma das estradas* (1980), *Burlescas, Teóricas e Sentimentais* (1972), *Titânia e a Cidade Queimada* (1977), *O Virgem Negra: Fernando Pessoa Explicado às Crianças Naturais & Estrangeiras* (1989).

Nos últimos anos, Cesariny quase desapareceu da vida pública. Deixou de escrever poesia. Os amigos e antigos companheiros da aventura surrealista foram morrendo e a Lisboa dos cafés, que era o habitat do seu quotidiano e da sua poesia, desapareceu. Em 2005 aceitou o Prémio Vida Literária da APE e foi condecorado pelo então Presidente da República, Jorge Sampaio, com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

A Perve Galeria, em 2006, apresentou a exposição "Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco e o passeio do cadáver esquisito", que marcou o reencontro destes três artistas, após 5 décadas de afastamento. Foram mostrados trabalhos originais, criados no período entre 1941 e 2006, que incluíam um conjunto inédito de 12 "Cadavres exquis". Em novembro de 2013, foi inaugurada a Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em sua homenagem e evocação, onde, em 2016, 10 anos depois do seu falecimento, se mostrou uma exposição evocativa.



Astronave Portuguesa do século XVI
Colagem e guache, 29x9,5cm, n.d. | CSY 096

ÓSCAR DOMÍNGUEZ

ESPAÑA

Pintor e escultor espanhol, Óscar Domínguez nasceu em Tenerife em 1906, no entanto, residiu a maior parte da sua vida em Paris, para onde se mudou em 1927 para gerir negócios de família. Expôs no Círculo, de Bellas Artes de Tenerife, em 1928, com Lily Guettam, e ali realizou a sua primeira exposição individual em 1933.

Em Paris estabeleceu contacto com os então grupos de vanguarda e, em 1929, acompanhava já as ideias surrealistas, aderindo formalmente ao grupo surrealista liderado por André Breton, em 1935, cuja atividade procurou divulgar no mundo artístico espanhol.

O seu período surrealista estende-se sobretudo de 1929 a 1938, centrado nos processos automáticos, nos quais se destacou enquanto inventor da decalcomania - técnica que dá a conhecer em 1936 e que é adotada imediatamente pelos surrealistas, influenciando posteriormente o expressionismo abstrato.

De visita a Barcelona, nesse mesmo ano, faz amizade com Remedios Varo, Esteban Francés e Manuel Viola mas com o estalar da Guerra Civil Espanhola refugia-se em Tenerife, fugindo depois clandestinamente para Paris com documentação falsa.

Inicia aí uma nova etapa da sua obra - o chamado “período cósmico”, que é catalogado como um dos mais interessantes da sua produção - e estabelece amizade com Picasso.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, para fugir aos nazis, refugia-se em Marselha. De regresso a Paris colabora com o grupo surrealista clandestino “La Main à Plume” e conhece Giorgio De Chirico. Nesse início da década de 1940 atravessa uma fase em que produz visivelmente sob a influência deste último, até atingir um conhecimento mais profundo da obra de Pablo Picasso, o que o conduziu a uma síntese de imagens surrealistas e de configuração cubista.

Com quase todos os artistas espanhóis exilados, participa em 1945 no “Salon des Surindépendants”. Nesse ano, rompe a relação com o grupo surrealista de Breton, influenciado pela obra de Picasso.

Entre o final dos anos 40 e inícios dos anos 50 decorre o seu período “esquemático”, que supõe a superação da dependência picassiana, com composições mais serenas e equilibradas e um cromatismo mais grave, delimitado pelo seu característico “triple trazo”, branco e negro.

Apesar de residir em Paris, manteve o contacto com o seu país de origem, tornando-se um dos mais empenhados dinamizadores do surrealismo espanhol. A sua obra plasmou um surrealismo eclético, de base quase naturalista e, no mais nobre sentido da palavra, académico.

Nos últimos anos de vida reaviva o seu interesse inicial pelo automatismo. Diagnosticado com uma doença degenerativa que lhe deformou o crânio, acabaria por se suicidar em Paris na noite de fim de ano de 1957.



El Beso, 1946

Óleo s/ papel “marouflé” s/ tela, 60x50x2,5 cm

PABLO PICASSO

ESPANHA

Pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo, Picasso, é talvez o artista mais conhecido e também o mais versátil do século XX. Nasceu em Málaga, em 1881. Viveu em França a maior parte da sua vida.

A sua transcendência não se esgota na fundação do Cubismo, revolucionária tendência que rompeu definitivamente com a representação tradicional ao liquidar a perspetiva e o ponto de vista único. Ao longo da sua trajetória explorou incessantemente novos caminhos e influenciou todas as esferas da arte do século XX, encarnando como nenhum outro a inquietude do artista contemporâneo.

Em 1895 muda-se para Barcelona e entre 1901-04 alterna residência entre Madrid, Barcelona e Paris. A sua pintura entrava então no chamado “período azul”, fortemente influenciado pelo simbolismo. Já definitivamente em Paris, conhece aquele que seria para sempre seu marchand, Daniel-Henry Kahnweiler, e Max Jacob, poeta, pintor, escritor e crítico judeu francês, retratado nesta exposição através das gravuras que Picasso realizou em 1956.

A pintura de Picasso entra então numa nova evolução, caracterizada por uma paleta cromática tendente para as cores terra e rosa (período rosa).

Em 1906 inicia “Les demoiselles d’Avignon”, uma composição de grande formato que viria a modificar o curso da arte do século XX. Nela confluem múltiplas influências: da arte africana e ibérica, a elementos tomados de autores como El Greco ou Cézanne. É sob a constante influência deste e na companhia de Georges Braque, que Picasso enceta a revisão da herança plástica vigente desde o Renascimento: seria o início do Cubismo.

A partir de 1915 Picasso foi abandonando os rigores do Cubismo, entrando numa nova etapa figurativa de reencontro entre classicismo e a crescente influência do que designou de «origenes mediterrâneos». Casa, em 1919, com Olga Koklova e começa a interessar-se por escultura.

O eclodir da Guerra Civil empurra-o para uma maior consciencialização política, de que é fruto uma das suas obras mais universalmente admiradas. “Guernica” (1937) é talvez o melhor exemplo da sua condição de artista comprometido, configurando uma impressionante denúncia sobre a barbárie cometida pela aviação alemã em 1937, que arrasou a localidade basca.

Em 1946 abandona Paris, instala-se em Antibes, onde incorpora a cerâmica entre os seus suportes de eleição. Nos anos 50 realiza inúmeras reinterpretações de grandes obras clássicas da pintura, em modo de homenagem. Em 1961 casa com Jacqueline Roque, a sua última relação sentimental de importância.

Convertido numa lenda em vida, símbolo da vanguarda, com Jacqueline retira-se para o Castelo de Vauvenargues, onde continuou a trabalhar até ao dia da sua morte em 1973.



Retrato de Max Jacob, 1956 - in Chronique des Temps Héroïques
Gravura a água forte, 24,1x18 cm | PCSS03

Max Jacob foi dos primeiros amigos que Picasso fez em Paris. Foi ele que o ajudou a aprender francês, chegando ambos a dividir um quarto no Boulevard Voltaire. Foi também Jacob que apresentou Picasso a Guillaume Apollinaire, que por sua vez o apresentou a Braque, com quem Picasso inauguraria o Cubismo. Permaneceram amigos até à sua morte, em 1944, no Campo de Deportação de Drancy, depois de ser preso pela Gestapo.

PANCHO GUEDES

PORTUGAL

Amâncio d'Alpoim de Miranda Guedes nasceu em Portugal, em 1925, tendo falecido em 2015, na África do Sul.

Estudou em São Tomé e Príncipe, Guiné, Lisboa, Lourenço Marques (atual Maputo), em Joanesburgo e no Porto. Foi arquiteto, escultor, pintor e professor, tendo sido fundador e diretor do departamento de arquitetura na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo. O seu período mais criativo ocorreu em Moçambique, nas décadas de 1950 e 60, onde fez mais de 500 projetos de arquitetura, muitos deles construídos em Moçambique mas também em Angola, África do Sul e Portugal.

Em 1962, as suas obras foram publicadas na revista francesa "L'Architecture d'Aujourd'hui" com o título "Architectures Fantastiques". Nesse ano participou no 1.º Congresso de Arte Africana em Salisbury, Rodésia, com a comunicação "The Auto-Biofarcical hour", apresentando pinturas, esculturas e projetos que despertam enorme interesse. Em 1987, teve uma exposição de desenhos e pinturas na Galeria Cômicos, em Lisboa, Portugal.

A Perve Galeria realizou em 2005 a exposição antológica "VIVA PANCHO", comemorativa dos seus 60 anos de obra artística. Em 2006 projetou a Instalação Lisboscópio, em parceria com Ricardo Jacinto, para o espaço Esedra, uma clareira nos "Giardini" da 10.ª Exposição Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza, Itália. Nesse mesmo ano participou na exposição "Acervo 06", na Perve Galeria. O Museu de Arquitetura da Suíça, em Basileia, realizou, em 2007, uma exposição intitulada "Pancho Guedes, an Alternative Modernist", que foi apresentada, em 2008, na National Gallery do Museu Iziko, na Cidade do Cabo, África do Sul.

É comendador da Ordem de Santiago e Espada e recebeu a Medalha de Ouro para a Arquitetura do Instituto dos Arquitetos Sul-africanos, tendo sido doutorado "Honoris Causa" pelas universidades de Pretória e Wits, na África do Sul. Recebeu em 2004, a medalha de Mérito da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.



A força do seu olhar, 1996 - Óleo s/tela, 50x40 cm | AG6



Learning from Klee, 2010
Acrilica sobre tela sobre platex com moldura escultórica em madeira pintada,
45,1x60 cm | PG94

SALVADOR DALÍ

ESPAÑA

Pintor catalão, Salvador Dalí continua a ser um dos artistas mais controversos e paradoxais do século XX. Nascido em 1904 e falecido em 1989, a grande maioria das suas obras situam-se no âmbito da pintura, de carácter surrealista, embora tenha experimentado múltiplas formas e estilos de expressão artística, produzindo trabalhos nas áreas do cinema, escultura e fotografia. Foi também autor de poemas dentro da mesma linha surrealista.

Tornou-se o mais conhecido representante do surrealismo europeu, por via das suas composições marcantes e de um universo simbólico tão claro e brilhante como profundamente preocupante e perturbador.

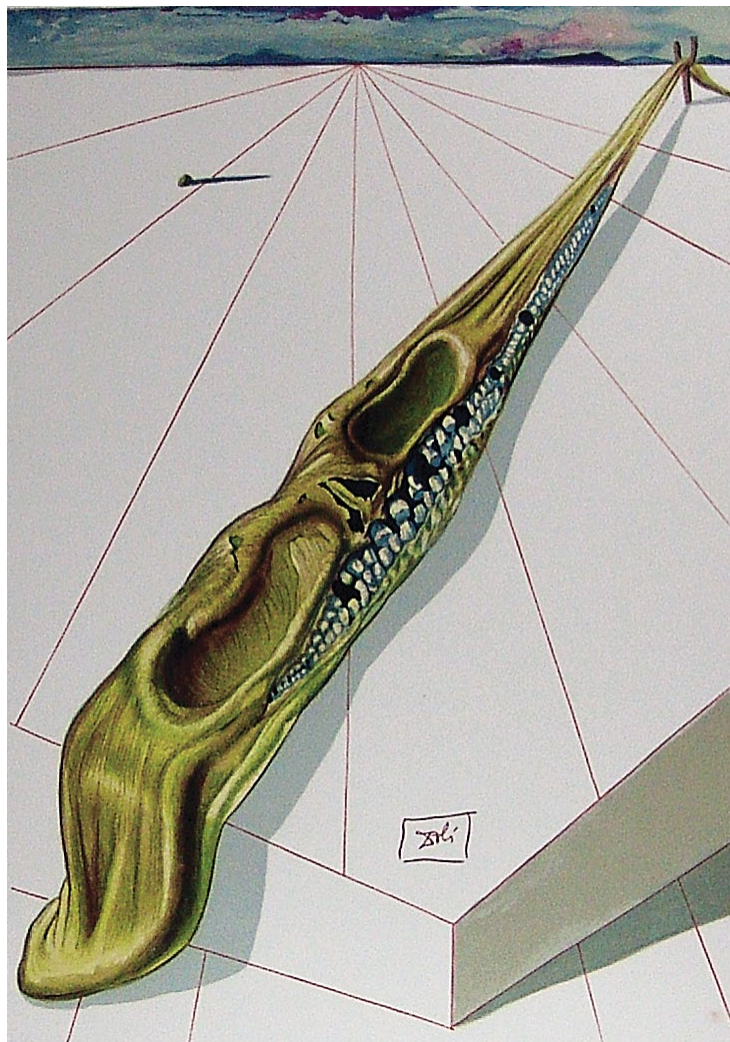
Em 1921 abandona a Catalunha, muda-se para Madrid onde ingressa na Academia de Bellas Artes de San Fernando. Conhece o poeta Federico García Lorca e o futuro cineasta surrealista Luis Buñuel, com quem trabalha num guião cinematográfico absolutamente atípico, do qual sairá o filme “Un chien andalou” (1929).

Em 1928 muda-se para Paris. Relaciona-se com Picasso e com Miró e é com a ajuda deste que se une ao grupo surrealista liderado por André Breton que, anos mais tarde, acabará por expulsá-lo do movimento.

Quando Dalí se associou ao grupo surrealista, o movimento atravessava momentos de fortes contradições internas. A sua vitalidade e extravagância logrou ser decisiva para a renovação e projeção do grupo e é daqui que resultará também a fase mais apreciada da sua obra que alcança uma considerável ressonância internacional. Em teoria, as seus melhores obras são fruto da aplicação do chamado “método paranóico-crítico” que Dalí definiu como um sistema espontâneo de conhecimento irracional “baseado na associação interpretativa-crítica dos fenómenos delirantes”.

Em 1939 conheceu Freud, o pai da psicanálise e o grande inspirador da estética surrealista. Místico e narcisista, impudico exibidor de todas as circunstâncias íntimas da sua vida e seguramente um dos maiores pintores do século XX, Salvador Dalí converteu a irresponsabilidade provocatória não numa ética mas numa estética, uma lúgubre estética onde o belo não se concebe sem que contenha o inquietante fulgor do sinistro.

São exemplo disso mesmo, as 100 gravuras com que Salvador Dalí ilustrou esta singular edição portuguesa d’ “A Divina Comédia” de Dante, datada de 1974 e traduzida por Alexandre O’Neill.



Sem título (Inferno), 1973 - Gravura sobre papel de linho, 34,5x44,5 cm | Esp.71.
Integra o tomo “Inferno” da edição portuguesa da obra “A Divina Comédia” de Dante traduzida do original por Alexandre O’Neill e ilustrada com 100 gravuras de Salvador Dalí, editada em 1973

WIFREDO LAM

CUBA

Wifredo Lam nasceu em Cuba, em 1902, filho de pai chinês e de mãe de origens espanhola e africana. A sua infância é marcada pela sua madrinha, Mantonica Wilson, ligada ao vodú e ao folclore das Caraíbas.

Estuda Direito e Artes na Academia de Santo Alexandre, em Havana, e na década de 1920 expõe no Salão da Associação de Pintores e Escultores. Parte para Espanha para buscar novos horizontes artísticos, onde estuda no atelier de Alvarez de Sottomayor, mestre de Dalí e Diretor do Museu do Prado, em Madrid. Nessa cidade toma contacto com as obras de Bosch, Brueghel e Goya.

Casa-se com Eva Piriz (1929), de quem tem um filho, mas ambos morrem de tuberculose.

Durante a Guerra Civil Espanhola, Lam associa-se à causa republicana, trabalhando numa fábrica de armamento. Em 1938 parte para Paris, onde conhece Picasso e no ano seguinte expõe na galeria de Pierre Loeb.

Com o início da 2.ª Guerra Mundial e a invasão alemã de Paris, dadas as suas convicções anti-fascistas e da sua origem cubana, será obrigado a deixar a cidade, refugiando-se em Marselha, onde toma contacto com a vanguarda francesa, conhece André Breton e o Surrealismo. Breton impressionado com a sua pintura, pede-lhe que ilustre o seu poema “Fata Morgana”.

De Marselha parte para Martinica juntamente com outros artistas. Chega a Cuba em 1941, onde redescobre as tradições africanas locais, o que transforma profundamente o seu trabalho. O regresso é também marcado pela constatação das difíceis condições em que os seus conterrâneos vivem e é neste ambiente que Lam pinta uma das suas mais importantes obras, “A Selva” (1943), exposta no MOMA, em Nova Iorque.

Os anos 40 serão de constantes viagens entre Cuba, Paris e Nova Iorque, onde expõe na galeria Pierre Matisse. Em 1952 instala-se em Nova Iorque e, em 1964, em Albisola Mare, próximo de Génova, onde conhece Asger Jorn, fundador do grupo COBRA, que o inicia na arte da cerâmica. Nesse ano recebe o prémio Guggenheim International Award. Morre em Paris em 1982.

O seu estilo inconfundível abalou as suposições do modernismo ocidental. As suas pinturas introduziram o simbolismo das suas raízes cubanas, definindo uma nova forma de pintura para o mundo pós-colonial. Através das viagens entre a Europa e América do Norte e do Sul, testemunhou a revolução política do século XX: a Guerra Civil Espanhola, a evacuação dos artistas e intelectuais de França com o início da 2.ª Guerra Mundial e a nova Cuba nascida da Revolução.

Estreitamente ligado a movimentos como o Cubismo e o Surrealismo e a artistas e escritores como Picasso, Breton, Asger Jorn, Lucio Fontana e Aimé Césaire, a sua obra tornou-se singularmente abrangente contendo em si distintos continentes e tradições.



Oiseau de Feu, 1970
Escultura em cobre (253/500A), 28x14x14 cm | WLI

- AGOSTINHO SANTOS (PORTUGAL)
- ALBERTO CEDRÓN (ARGENTINA)
- ALFREDO BENAVIDEZ BEDOYA (ARGENTINA)
- ANTÓNIO PALOLO (PORTUGAL)
- CARLOS ZÍNGARO (PORTUGAL)
- DORINDO CARVALHO (PORTUGAL)
- EDUARDO NERY (PORTUGAL)
- EURICO GONÇALVES (PORTUGAL)
- FERES LOURENÇO KHOURY (BRASIL)
- FERNANDO BOTERO (COLÔMBIA)
- ISABEL CABRAL E RODRIGO CABRAL (PORTUGAL)
- JOÃO RIBEIRO (PORTUGAL)
- LEONEL MOURA (PORTUGAL)
- LUÍSA QUEIRÓS (CABO VERDE)
- MANUELA JARDIM (GUINÉ-BISSAU)
- MANUEL FIGUEIRA (CABO VERDE)
- PAULO KAPELA (ANGOLA)
- PEDRO WREDE (BRASIL)
- RAÚL PEREZ (PORTUGAL)
- REINATA SADIMBA (MOÇAMBIQUE)

AGOSTINHO SANTOS

PORTUGAL

Agostinho Santos nasceu em 1960, em Vila Nova de Gaia. É jornalista e artista plástico. Mestre em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e Doutoramento em Museologia na Faculdade de Letras / Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Dirigiu a 1.ª Bienal de Arte de Gaia, em 2015, e preside a “Artistas de Gaia - Cooperativa Cultural”. Realizou mais de 70 exposições individuais e participou em mais de 300 mostras coletivas em Portugal e no estrangeiro. Está representado em várias coleções públicas e privadas, nomeadamente Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, no Porto; Museu da Fundação da Bienal de Cerveira; Museu de Arte de Olinda, Brasil; Futebol Clube do Porto e Câmaras Municipais de Vila Nova de Gaia, Porto, Gondomar, Matosinhos, Amadora, Moura, Espinho e Consulado de Portugal, em Goa.

É o autor da “Vaca Pessoaana”, selecionada para a “CowParade Lisboa”, em 2006; do cartaz do “2.º Congresso Feminista” realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em 2008, e autor do Troféu S. João da Madeira/Capital da Ilustração, São João da Madeira, 2010.

Fez a sua exposição antológica na Perve Galeria em 2014, com o título “Da profundidade da cor e outras matérias sensíveis”. A sua obra foi posteriormente integrada na Coleção Lusofonias, tendo sido apresentada em 2015 no âmbito das exposições que se realizaram em torno da dita coleção em Nova Deli, no India International Centre, e no Palácio da Independência, em Lisboa.

A obra de Agostinho Santos está marcada pela aproximação temática e estética à plasticidade de autores como Jean Dubuffet, Pablo Picasso, Jean-Michel Basquiat, Joseph Beuys, Marcel Duchamp, Cy Twombly, Miró, Louise Bourgeois, Willem de Kooning, Georg Baselitz, Art Penck, Keith Haring, Marlene Dumas e aos portugueses Joaquim Rodrigo e António Sena, aos quais com regularidade faz alusões.

Essa relação de proximidade assume-se, também, em alguns casos, na espontaneidade criativa e na afinidade nos processos pautados pelo recurso sistemático a suportes decorrentes da reutilização de materiais encontrados.

Agostinho Santos revela ainda uma profunda afinidade com o universo literário português. O seu processo criativo integra a análise sucessiva e interpretação artística da obra literária de vários escritores com predominância para José Saramago, Fernando Pessoa, Manuel António Pina e Eugénio de Andrade, surgindo daí vários trabalhos em forma de pintura, escultura e desenho.



A propósito de intermitências, n.d.
Acrílico sobre biombo de madeira, 200x210x9,5 cm | AGS37

ALBERTO CEDRÓN

ARGENTINA

Nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1937. Realizou mais de uma centena de exposições individuais e coletivas desde 1959, em países tais como Argentina, Brasil, Chile, França, Itália e Portugal, entre outros. Realizou a partir dos anos 60, trabalhos de ilustração, murais, painéis de azulejo, desenho de móveis, numa multiplicidade de técnicas em que se incluem o desenho, a pintura, a gravura, a escultura e a cerâmica, entre outras. As suas obras foram adquiridas por museus nacionais e estrangeiros e por colecionadores privados em todos os países por onde expôs, destacando-se, em Portugal, as muitas obras adquiridas para a Coleção Berardo.

Viveu e trabalhou, entre os anos 90 e 2003, em Portugal. Foi distinguido com mais de uma dezena de prémios e condecorações na Argentina, Portugal, Venezuela e Itália. Emílio Chagas escreveu sobre ele: “Em busca da sua identidade, do seu imaginário, realiza incontáveis óleos, acrílicos e desenhos onde grassam uma crítica social corrosiva e a indignação de um artista que não se rende e resiste ao absurdo, ao patético e ao conformismo. Alberto Cedrón acredita que estamos a viver tempos de decadência e escuridão. Mas pensa que só a arte poderá salvar o mundo dessa perspectiva sombria pela qual hoje está a passar. E avisa: “Eu não me entrego.”

Cédrón participa, durante seis meses, numa expedição com o médico Noel Nutels, executando uma série de desenhos sobre a Reserva Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil (1963); ilustra várias capas para a Editora Seix-Barral, Barcelona, Espanha (1967); executa um Mural em Terracota Esmaltada (4mx80m), Córdoba, Argentina (1971); ilustra Poesias de Machado, Carlos Drumond de Andrade e o conto de Alan Poe “El Pozo y el Péndulo”, Centro Editor da América Latina, Buenos Aires, Argentina (1971); participa num Mural Coletivo em Viedema, Rio Negro, com o Grupo Santa Maria de Iquique, no Centro Cultural (1972) e ilustra o livro “Florentino y el Diabolo” de Alberto Arabelo Torrealba, editado pelo Banco Industrial da Venezuela (1980). Realiza o “Painel Desenhado” com o escultor José Rodríguez (1991) e, entre muitos outros trabalhos, cinco Esculturas em Bronze (tamanho natural) representando os cinco sentidos, Fundação Berardo, Funchal, Ilha da Madeira, Portugal (2000/2003).

Realizou exposições individuais, em diversos locais: na Galeria Rubio, Buenos Aires, Argentina (1959); Galeria do IBEU (Instituto Brasil Estados Unidos), Rio de Janeiro, Brasil (1962); Cisneros Gallery, Nova Iorque, EUA (1971); Casa del Popolo, Nápoles, Itália (1978); Galeria da Praça, Pinturas, Porto, Portugal (1990); Galeria Movimento Arte Contemporânea, Pintura, Desenhos, Cerâmica e Bronze, Lisboa, Portugal (2001).



Underground, 2000 - Acrílica sobre tela, 90x110 cm | AC42

ALFREDO BENAVIDEZ BEDOYA

ARGENTINA

Nascido em Buenos Aires, Argentina, em 1951, Alfredo Benavidez Bedoya desenvolve a sua atividade artística no campo da gravura. Ganhou seis prêmios internacionais e inúmeros prêmios nacionais, entre os quais: Grande Prêmio da Bienal Internacional de Taipé, Taiwan; três Prêmios Sponsor, no Japão; Prêmio do Júri na Casa das Américas, Cuba; Prêmio internacional, Índia; 1.º Prêmio do Salão de Santa Fé; 1.º Prêmio do Salão Municipal “Manuel Belgrano” e Grande Prêmio de Honra “Presidente da Nação”, do Salão Nacional, Argentina.

A sua formação começou pelo estudo de artes plásticas com José Rueda e Antónío Pujia, concluindo depois na Escola Nacional de Belas Artes “Prilidiano Pueyrredón”, na sua cidade natal.

Em 1980 ganhou uma bolsa de estudos, concedida pelo Instituto Americano de Cooperação (ICI-Espanha), para estudar história da arte na Universidade Complutense de Madrid e, em 1999, foi-lhe atribuída a Bolsa Guggenheim em Artes Gráficas, concedida pela Fundação JS Guggenheim de Nova Iorque, EUA.

A sua obra aparece em importantes coleções públicas e privadas na Argentina e internacionalmente. A sua vasta obra está igualmente presente em numerosos livros e artigos acompanhados de textos críticos.

Para além desses casos, tem publicados no Japão quatro livros por si ilustrados, com lendas e contos populares argentinos. Outros três livros, em moldes idênticos, encontram-se em preparação para edição.

Nos EUA, as universidades do Nevada e do Wisconsin iniciaram projetos editoriais do autor. No primeiro caso, que se apresentou na exposição antológica do autor, na Perve Galeria - Alcântara, em 2012, trata-se de um livro-objecto artístico, intitulado “The Firebird’s Nest”, de tiragem limitada e assinado pelos autores, Benavidez Bedoya e o escritor Salman Rushdie. No segundo caso, trata-se de parceria com o autor canadiano Daniel Grandbois, que deu origem ao livro “Hermaphrodite”, recentemente lançado internacionalmente.

Em 2009 foi publicado o curto romance “O Gerente”, de Carlos Drummond de Andrade, ilustrado por Benavidez Bedoya e editado pela Editora Record no Brasil.

Em 2011 realizou, no Centro Cultural Recoleta, Buenos Aires, a sua maior exposição retrospectiva, envolvendo mais de 500 obras gravadas originais. Este artista vive e trabalha em Buenos Aires.



Extraction of Mother Earth's premolar on a warm midday
Xilogravura, 62x55 cm | BBI

ANTÓNIO PALOLO

PORTUGAL

Apesar de autodidata, António Palolo revelou desde cedo um profundo desejo de abordar, com intuito experimental, o campo das artes plásticas, aliando-se a outros jovens artistas, como Álvaro Lapa, Joaquim Bravo ou António Charrua. Durante os anos 60 o seu trabalho resulta, essencialmente, de um cruzamento e interrogação constantes acerca das estéticas dominantes na cena artística internacional, vagueando entre o informalismo, a abstração formal e a “pop art”, num exercício pictórico em que a cor pura acaba por fazer valer uma extrema sedução, organizando uma opticalidade muito particular e original no contexto da pintura portuguesa. Aliás, a definição de campos de cor contrastantes será responsável, na segunda metade de 60, por um progressivo abandono da figuração inspirada numa certa situação “pop”.

Na década de 70 a explosão cromática cruza-se com uma vontade formal que exige uma planificação rigorosa da composição, conciliando figuras geométricas e cores planas, donde desaparecem quaisquer vestígios da passagem do pincel sobre a superfície do quadro. Uma experiência que parece misturar duas tendências aparentemente antagónicas, a “pop” e a “minimal art”. Com a participação na exposição “Depois do Modernismo” (1983), Palolo apresenta já uma preocupação com os valores expressivos da disciplina pictórica, seguindo de algum modo o contexto de uma “Transvanguarda”, onde volta a fazer sentido a presença de uma figuração que mantém um diálogo pertinente com um novo jogo de cores e uma técnica pictórica mais expressionista, quase gestual.

Nos anos 90, Palolo irá conciliar dois momentos da sua carreira, criando condições para que a composição se harmonize na consideração tanto das bandas de cores puras como do exercício gestual e expressivo dos últimos trabalhos. Entre as décadas de 70 e 80, e enquadrado pela transdisciplinaridade da época, António Palolo apresentou algumas instalações e realizou filmes experimentais, desenvolvendo um jogo formal onde o cinetismo da imagem será determinante, com repercussão na obra pictórica.



Sem título, 1965 - Tinta da china e aguada sobre papel, 25x27 cm | PLL3

CARLOS ZÍNGARO

PORTUGAL

Começa a estudar música com 4 anos (Fundação Musical dos Amigos das Crianças, Conservatório Nacional de Lisboa, Academia dos Amadores de Música e Escola Superior de Música Sacra), tornando-se profissional aos 13, como membro da Orquestra Universitária de Música de Câmara dirigida pelo maestro Ivo Cruz. Para além dos estudos de violino frequentou também os cursos de órgão e canto gregoriano com Antoine Sibertin Blanc. Estudos de musicologia, música electroacústica e música contemporânea (teatro-música) fazem parte de permanências na Universidade Técnica de Wroclaw 1978 (Polónia) e na Creative Music Foundation 1979 – Fulbright Grant (Woodstock / Nova Iorque). Passou ainda pelo Curso de Cenografia da Escola Superior de Teatro de Lisboa, onde foi professor assistente de desenho. Zingaro é pioneiro em Portugal na utilização, das novas tecnologias, na composição e interação em tempo real, assim como nas relações som / movimento e “composição imediata”.

Nos mais importantes festivais e concertos de “improvisação” e “nova música” na Europa, América e Ásia, apresenta-se em solo absoluto ou em grupos com os compositores / músicos internacionalmente mais significativos nestas áreas musicais, como Fred Frith, Peter Kowald, Joëlle Léandre, Daunik Lazro, Richard Teitelbaum, Derek Bailey, Otomo Yoshihide, George Lewis, Christian Marclay, Evan Parker, Frederic Rzewski, Elliott Sharp, Keith Rowe. Foi elogiado por autores tais como La Monte Young, Siegfried Palm, Alvin Lucier, Steve Lacy e John Zorn.

Foi o diretor musical de Os Cômicos - Grupo de Teatro, assim como, anos mais tarde, foi o fundador da galeria com o mesmo nome. Colaborou com diversos coreógrafos, encenadores e realizadores como Olga Roriz, Michala Marcus, Paula Massano, Vasco Wellenkamp, Vera Mantero, Francisco Camacho, Giorgio Barberio Corsetti, Ricardo Pais, Constança Capdeville, Fernanda Lapa, Carlos Avilez, António Rama, Seixas Santos, Ludger Lamers e Francis Plisson. Tem uma produção discográfica, em nome próprio ou colaborações com outros músicos / compositores, de mais de 50 títulos, com edições em França, Suíça, Alemanha, Canadá, Itália, Inglaterra, Japão, Holanda e EUA. Atribuições de melhor disco do ano na WIRE Magazine (GB), CODA (Canadá) e ainda dois “Chock de La Musique - Monde de la Musique” (França). É, desde 2002, o fundador e presidente da associação GRANULAR, dedicada ao experimentalismo nas artes sonoras e relações interdisciplinares.

Em 2013 realizou, na Perve Galeria, a exposição antológica “Seres Grotescos”, assinalando 40 anos de produção em pintura e mais recentemente, em 2016, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, apresentou “Agora na Ágora”, uma mostra centrada na sua obra plástica e musical.



Multiple Attractions, 2015 - Acrílico e lápis sobre tela, 40x50 cm | CZ110

DORINDO CARVALHO

PORTUGAL

Dorindo Carvalho nasceu em Lisboa a 30 de setembro de 1937. Trabalhou em fotografia e cursou na Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde mais tarde veio a lecionar educação visual, fotografia e desenho gráfico.

Nos anos 60 foi mobilizado para Angola e em Luanda continuou a desenvolver atividade artística. Desenhou e pintou, realizou e participou em exposições e produziu cenários e figurinos para o Teatro Experimental da cidade. Regressado a Lisboa, a partir de 1964, frequenta a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses e, enquanto pintor, obtém uma Bolsa de Estudos da Fundação Calouste Gulbenkian. Trabalhou também em decorações, publicidade e artes gráficas; desenvolveu intensa atividade no campo editorial, realizando diversas capas de livros e revistas; desempenhou cargos de diretor de arte e de produção em diversas editoras. Ilustrou, escreveu e editou livros para vários públicos, incluindo infantojuvenil; organizou cursos de desenho, ilustração e decoração. Executou vários trabalhos em cinema de animação em Portugal, tendo colaborado igualmente numa coprodução luso-italiana. Trabalhou como planificador gráfico na Radiotelevisão Portuguesa. Na década de 1980 fixou-se na Venezuela onde, paralelamente, à sua atividade como artista plástico, trabalhou como diretor de arte em várias agências de publicidade e editoras, assim como lecionou desenho gráfico nos dois mais importantes institutos de Caracas e colaborou como ilustrador em diversos jornais e revistas daquele país. Ainda na Venezuela, fez parte da Comissão Organizadora das Comemorações a Fernando Pessoa e foi membro fundador, com funções diretivas, do Instituto Português de Cultura em Caracas. Na década de 1990, regressa a Portugal, prosseguindo a sua atividade como pintor, designer gráfico, escritor e ilustrador mas foi nas artes visuais que a sua ação se tornou mais intensa.

Ao longo dos últimos 50 anos, Dorindo Carvalho realizou centenas de capas para livros, dezenas de exposições em Portugal, em Angola e na Venezuela e recebeu vários prémios nesses 3 países. Em 2011, foi agraciado pela Câmara Municipal de Sintra com a Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro. A sua obra encontra-se representada em várias coleções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro, com destaque: Museu da Fundação Calouste Gulbenkian; Organização Internacional do Café, Londres; Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz; Museu de Arte de Maracay, Venezuela; Museu do Neorrealismo, Vila Franca de Xira; Ateneo de Cumana, na Venezuela; Consulado Português de Caracas; Governo do Distrito de Luanda; Instituto de Luanda; Galeria Diário de Notícias; Galeria Municipal da Amadora e Coleção Lusofonias. No âmbito das exposições realizadas em torno da última coleção, a sua obra foi apresentada no Centro Cultural Palácio do Egipto, em Oeiras (2012) e no Palácio da Independência, no Rossio, Lisboa (2015). Em 2012 a Perve Galeria realizou a exposição antológica: “Dorindo - 50 Anos, 3 Continentes”.



Imaginários significados XXVI, 2007 - Óleo sobre tela 40x40 cm | D038

EDUARDO NERY

PORTUGAL

Eduardo Nery nasceu na Figueira da Foz, em 1938. Estudou Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa mas, apesar da formação nessa área, a sua diversificada obra passa também pelo desenho, colagem, gravura, tapeçaria, vitral, fotografia, mosaico e azulejaria, sendo um dos artistas plásticos contemporâneos portugueses com maior intervenção ao nível de arte pública.

Está representado em numerosos museus portugueses e, em alguns, estrangeiros, tendo o seu trabalho sido difundido em inúmeras exposições individuais e coletivas. Aquando da sua estadia em Paris (1959), interessou-se por obras de caráter abstrato, desenvolvendo na altura conhecimentos em tapeçaria e pintura, numa gramática próxima da “Op Art”, produtora de efeitos óticos, uma corrente de que foi um dos introdutores em Portugal.

Neste contexto, o geometrismo a que se presta o azulejo e a calçada portuguesa, não podiam deixar de o interessar, desenvolvendo, a partir de azulejo único, painéis caracterizados por complexas isometrias, que permitem inúmeras combinações, como acontece, por exemplo, no Centro de Saúde de Mértola (1981) e na Estação da Refer/CP de Contumil (1994). Noutros casos, criou interessantes jogos de ritmos de cor e luz, com azulejos lisos industriais, como no Viaduto da Infante Santo (2001).

Noutros ainda, desmultiplica a figuração humana segundo orientações verticais, oblíquas e horizontais, em intrincados “puzzles” que, na sua remontagem, resultam em imagens híbridas, fragmentadas, que surpreendem pela sua ironia e efeito plástico, como na Estação do Campo Grande, do Metropolitano de Lisboa (1992). Muitos outros trabalhos podem ser referidos: em Lisboa, no Museu da Água da EPAL (1987); no interior da sede do Banco BNC (1993); na sede da Associação Nacional das Farmácias (1995); no Viaduto da 2.ª Circular, no Campo Grande (1998); na Estação da Refer/CP de Campolide (1999).

No estrangeiro tem um painel no Aeroporto de Macau (1995). Recebeu diversos prémios e distinções, entre os quais, o Prémio Municipal «Jorge Colaço» de Azulejaria (Câmara Municipal de Lisboa), nos anos de 1987, 1991, 1992 e 1995.

Faleceu em Lisboa, em março de 2013.



Sem título, 1963
Tinta da china sobre papel 48x37 cm | EN02

EURICO GONÇALVES

PORTUGAL

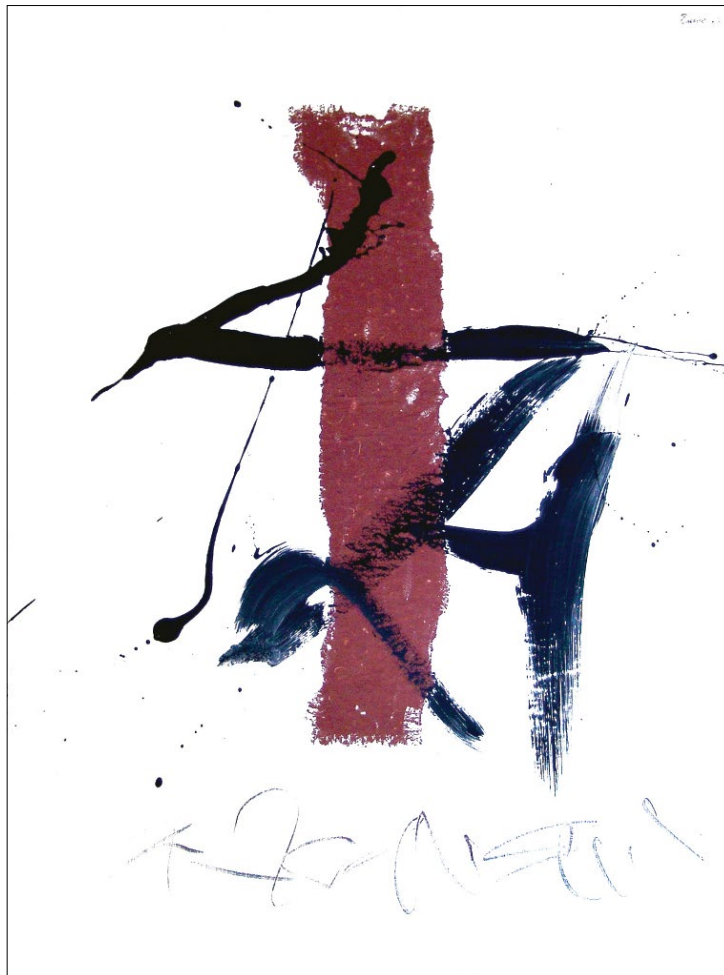
Eurico Gonçalves nasceu em 1932, em Abragão, Penafiel. Surrealista desde 1949, em 1950/51, escreveu e ilustrou narrativas de sonhos, textos automáticos e poemas, compilados em quatro cadernos manuscritos, hoje parcialmente recuperados numa edição de luxo; aí, palavras, desenhos, colagens e guaches fundem-se numa só forma de expressão.

Em alguns aspetos, a sua pintura aproximava-se já do Neo-figurativo. Manifestando-se através do improviso, as suas figuras foram dando lugar a simples sinais gráficos, ágeis caligrafias abstratas, derivadas do Gestualismo, com resultados extremamente depurados. A sua execução gestual rápida, mas serena, confronta-se com formas arquetípicas do Inconsciente Coletivo, tão defendido por Jung, que demonstrou haver uma grande conformidade entre o movimento impulsivo das mãos e o próprio estado de espírito. Por seu turno, André Breton declarou que a finalidade do Surrealismo é a reabilitação de todas as capacidades psíquicas.

Desde 1964, Eurico Gonçalves tem publicado artigos de divulgação de Arte Contemporânea e estudos sobre a Expressão Livre da Criança, o Dadaísmo, o “Zen” e a Pintura-Escrita. Em 1966/67, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, onde trabalhou com o pintor francês Jean Degottex. Em 1972, prefaciou uma importante exposição de pintura de Henri Michaux, na Galeria S. Mamede, em Lisboa, e nesse ano entrou para os corpos diretivos da SNBA.

Expondo desde 1954, participou em numerosas coletivas, designadamente, na 1.ª Bienal Internacional de Desenho “LIS’79”; no Festival Internacional de Pintura, em Cagnes-sur-Mer (França), 1980; na XVII Bienal Internacional de São Paulo (Brasil), 1983; em “Um Rosto para Fernando Pessoa”, C.A.M./F. Gulbenkian, 1985; em “Le XX.ème au Portugal”, Bruxelas, 1986; na III Exposição Gulbenkian, 1986; em “A Teatralidade na Pintura Portuguesa”, F. Gulbenkian, 1987; na “Arte Portuguesa Contemporânea”, Osnabrück, Alemanha, 1992; na “Primeira Exposição do Surrealismo ou Não”, na Galeria S. Mamede, Lisboa, 1994; e em “Desenhos dos Surrealistas em Portugal”, no Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, 1999. Em 1971, foi distinguido com uma Menção Honrosa do Prémio da Crítica de Arte Portuguesa, patrocinado pela Soquil. Em 1998, foi-lhe atribuído o Prémio de Pintura Almada Negreiros, patrocinado pela Fundação Cultural Mapfre Vida.

Está representado no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu Amadeo de Souza-Cardoso, em Amarante, nos Museus de Castelo Branco e de Estremoz, na Fundação Cupertino de Miranda - Famalicão, na Culturgest, Casa da Liberdade - Mário Cesariny e em muitas coleções particulares.



“Põe quanto és no mínimo que fazes” - Ricardo Reis, 1967
Técnica mista sobre tela, 100x70 cm | EU57

FERES LOURENÇO KHOURY

BRASIL

Feres Lourenço Khoury concluiu o doutoramento em Poéticas Visuais, pela Universidade de São Paulo, em 1997. Atualmente é Docente da Universidade de São Paulo e Professor da Faculdade de Design de Moda Santa Marcelina e na Universidade São Judas Tadeu, entre outras.

No período da sua formação artística, frequentou os ateliês de Luís Dotto, Renina Katz (1926), Sérgio Fingermann (1953) e Rubens Matuck (1952).

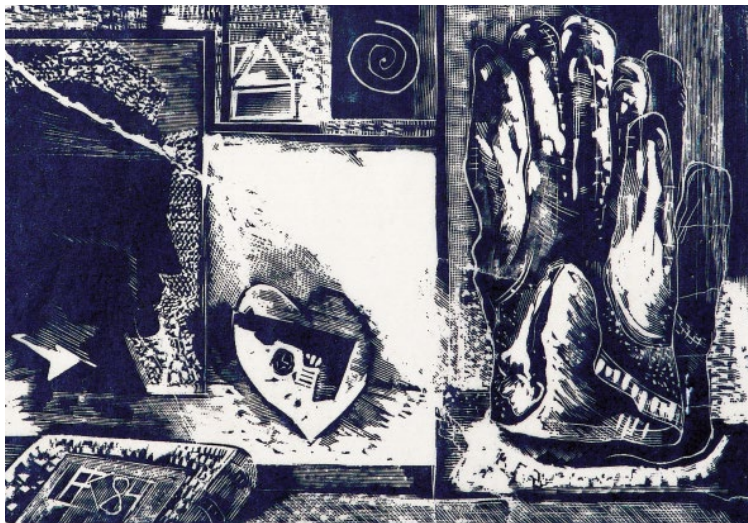
Em 1979, fundou com Rubens Matuck (1952), Luise Weiss (1953) e Rosely Nakagawa (1954) a Editora João Pereira, com o objetivo de lançar gravuras originais de tiragem limitada. Publicou através dessa editora os álbuns “11 Gravuras”, 1979, “5 Litografias”, 1981, “Círculo das Coisas”, 1982, “5 Xilogravuras”, 1988, e “Álbum Comemorativo”, 1989. Começou a participar em exposições coletivas em 1973, na exposição dos alunos da FAU/USP. Em 1974, expôs na Trienal Latino-Americana de Grabado, realizada em Buenos Aires e intensificou a exibição de seus trabalhos a partir de fins dos anos 1970. Recebeu o 1.º prêmio da 8.ª Mostra de Gravura da Cidade de Curitiba, em 1988 e foi contemplado com a Bolsa Vitae de Arte/Gravura em 1996.

Na arte da gravura, área em que reside a base de sua produção artística, Feres Khoury privilegiou a xilogravura e a ponta-seca. A escolha destas duas técnicas é reveladora, na medida em que são duas técnicas econômicas e diretas que dispensam qualquer elemento intermediário (como o ácido, por exemplo) entre o gesto do gravador e o seu suporte. Em ambos os casos verifica-se a primazia concedida ao desenho, realizado na matriz de madeira ou na chapa de metal. Feres Khoury procurou potenciar estes recursos ao máximo, explorando gradações de luz e sombra e relações claro/escuro. A cor ausente, dá lugar às linhas, formas e espaços que se adensam.

No início do seu percurso, Feres Khoury realizou sobretudo trabalhos de pequenas dimensões, como mostram os álbuns publicados em 1976, pela Editora João Pereira. É também notória uma preferência pela xilogravura até a década de 1990, momento a partir do qual a ponta-seca se impõe.

Os elementos formais mais elaborados são progressivamente reduzidos, para dar lugar a formas geométricas mais elementares. A ponta-seca contribui para uma maior definição de traços e linhas que surgem com maior nitidez em portas, ogivas, círculos e quadriculas.

As linhas vazadas encontram um contraponto nas superfícies densas e aveludadas, preponderantemente negras.



Sem título, 1985
Xilogravura, PA I/V, 24x30,5 cm | FKY01

FERNANDO BOTERO

COLÔMBIA

Em 1948, Fernando Botero começou a trabalhar como ilustrador. Mudou-se para Bogotá em 1951 e realizou a sua primeira mostra internacional na Leo Matiz Galeria. Partindo para Madrid em 1952, estudou na Academia de San Fernando. De 1953 a 1955, aprendeu a técnica de frescos e história da arte em Florença, que tem influenciado a sua pintura desde então. De volta à Colômbia, expôs na Biblioteca Nacional, em Bogotá, e começou a lecionar na Escola de Belas Artes da Universidade Nacional; nesse ano, passou algum tempo no México, estudando os murais políticos de Rivera e Orozco, cuja influência é evidente em sua perspectiva política.

A visita de Botero aos Estados Unidos, em fins da década de 1950, motivaria, dez anos mais tarde, o seu regresso a Nova Iorque e o trabalho nesta cidade. Embora o expressionismo abstrato lhe interessasse, buscou inspiração no Renascimento Italiano. Durante este período, começou a experimentar a criação do volume nas suas pinturas, expandindo as figuras e comprimindo o espaço em torno delas, uma qualidade que continua a explorar ao pintar retratos de grupos imaginários ou paródias sobre o trabalho de mestres famosos. Com um grande número de exposições na Europa e nas Américas do Norte e do Sul, Botero recebeu inúmeros prêmios, inclusive o Primeiro Intercol, no Museu de Arte Moderna de Bogotá, e figura no acervo dos principais museus em todo o mundo. Desde o início da década de 1970, Botero divide o seu tempo entre Paris, Madrid e Medellín.

Nas obras satíricas de Fernando Botero, políticos, militares e religiosos, músicos e realeza são retratados com figuras rotundas e sem movimento, assumindo a característica de vida humana estática.

De natureza humorística à primeira vista, as pinturas de Botero são geralmente um comentário social com toques políticos. Fernando Botero é um dos observadores mais agudos da conjuntura colombiana e é interessante notar os dois traços mais salientes de quase toda a sua obra: as figuras são gordas e têm a boca fechada. Parecem pessoas bem enredadas em sistemas de clientelismo, dos quais recebem comida em troca do seu silêncio.

Há quem não aprecie as suas pinturas e esculturas, outros tantos que veem na sua obra uma apologia à obesidade. Mas a obra de Botero é uma releitura intrigante dos ideais de beleza do Renascimento.



Family Scene, 1969
Óleo sobre tela, 210x194,5 cm

ISABEL CABRAL E RODRIGO CABRAL

PORTUGAL

Rodrigo Cabral concluiu, em 1972, o Curso Complementar de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. De 1983 a 1989 foi professor de Pintura na ESAP – Escola Superior Artística do Porto, e de 1989 a 2004 na FBAUP – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde exerceu os cargos de presidente do Conselho Pedagógico entre 1999 e 2001 e de presidente do Conselho Diretivo de 2000 a 2004. Isabel Cabral concluiu, em 1973, o Curso Complementar de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. É professora na Escola Secundária de Soares dos Reis, especializada de ensino artístico.

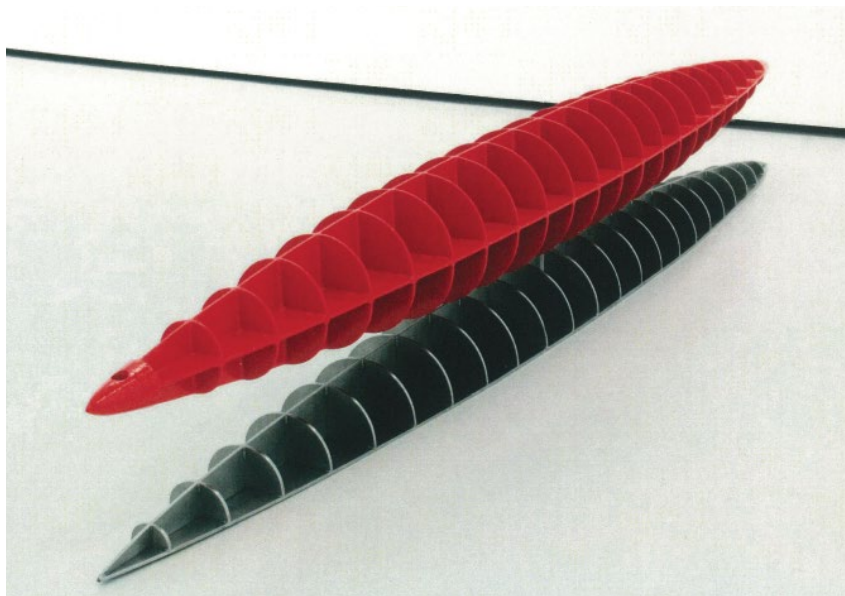
Os dois têm desenvolvido uma carreira multifacetada que engloba a pintura, a escultura, a instalação, a performance e a poesia visual.

Criaram o “Projecto Comum”, em 1987.

Dos livros publicados sobre a sua obra destacam-se “Pássaro Azul”(1988) e “Génesis Depois” (1990).

Em conjunto têm realizado inúmeras exposições e recebido diversos prémios e distinções.

A sua obra está representada em coleções públicas e privadas, portuguesas e internacionais, destacando-se: Museu da Bienal de Vila Nova de Cerveira; Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, Amarante; Museu da Fundação Cupertino de Miranda, Famalicão; Museu de Arte e Pintura Diogo Gonçalves, Portimão; Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Coleções Municipais de Portalegre, Amadora e Santa Maria da Feira; Mapfre; ANJE; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Contemporary Art Museum, Nyborg, Dinamarca; Museum fur Modern Kunst (Arte Postal), Weddel, Alemanha; Janco-Dada Museum (Arte Postal), Ein-Hod, Israel; Museo Internazionale de Neu Art (Arte Postal), Vancouver, Canadá; Postmuseum (Arte Postal), Estocolmo, Suécia e Centro Studi Zingari (Arte Postal), Roma, Itália.



Quietude, 2012 - Ferro pintado e aço inox escovado, 240x20x35 cm | IRCI

JOÃO RIBEIRO

PORTUGAL

João Ribeiro nasceu em Lisboa, em 1955. Licenciou-se em Pintura, pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e expõe de forma regular, individualmente e coletivamente, há mais de 30 anos, em galerias e espaços institucionais.

A sua obra valeu-lhe, em 1985, o prémio de pintura “Espírito Santo Esteves”, na II Bienal de Chaves, e está representada em coleções tais como Caixa Geral de Depósitos, CTT, BCP, Museu de Arte e Pintura Diogo Gonçalves, Ministério da Justiça, entre muitas outras, em Portugal e no estrangeiro.

João Ribeiro tem um longo e profícuo percurso. O seu trabalho revela-se primeiro abstracionista, depois, na sequência de uma estadia do pintor na Bélgica, é povoada pela aparição de anjos, ícones e figuras alegóricas já com o domínio da técnica que até aí tinha desenvolvido.

Na atualidade, prima pelo aprofundamento da técnica do desenho ao mesmo tempo que o cariz simbólico das obras se viu aumentado.

Utiliza um espaço pictural não geométrico, com figuras alegóricas e ambientes próximos de uma simbólica medievalista e popular. A par com as temáticas, estão um desenho e cor cuidados.

As suas obras carregam uma iconografia renovada, onde o divino e o profano se encontram, evidenciando uma persistente dualidade de significação.

Suporte para o processo criativo (alquímico) de João Ribeiro, essa duplicidade de significado é exponenciada em obras onde o objeto se faz corpo de uma metamorfose plástica persistente, patente nas texturas e nos planos, através dos quais o autor dá expressão à manipulação da imagem e à reconfiguração da sua gramática visual anterior.

Em 2015, realizou na Perve Galeria, a exposição individual “Whispers”, que marca o seu regresso após alguns anos de ausência do meio galerístico motivado pelo desenvolvimento desses novos caminhos plásticos e narrativos.



Deusa Águeda de Jesus e Amigos, 2015
Técnica mista sobre tela com tecido colado, 80x60 cm | JRB59

LEONEL MOURA

PORTUGAL

Leonel Moura nasceu no dia 26 de dezembro de 1948, em Lisboa, cidade onde vive atualmente, depois de ter passado por países como a Holanda e a Argélia.

Artista multifacetado, dedica-se à pintura e escultura, mas desenvolve também projetos de arquitetura. É autor de romances e tem publicado vários artigos de opinião, designadamente no “Jornal de Negócios”, onde é atualmente colunista.

Desenvolveu uma pesquisa concernente à relação da arte com a ciência - ArtSBot - para a qual obteve financiamento da Fundação Ciência e Tecnologia, sob a coordenação científica de Henrique Garcia Pereira.

Deste projeto resultou o “Manifesto da Arte Simbiótica” e a construção de uma série de robots que pintam e desenham aleatoriamente através de mecanismos sensoriais.

Tem realizado exposições e conferências internacionais, em cidades como Paris, Nova Iorque, Rio de Janeiro e São Paulo.

Nos últimos anos, tem-se destacado sobretudo com o seu trabalho nas áreas da robótica e inteligência artificial. Tem igualmente produzido uma contínua reflexão sobre Criatividade, Inovação e a Cidade, na linha do conceito das Cidades Criativas, tendo sido designado pela Comissão Europeia como Embaixador do Ano Europeu da Criatividade e da Inovação.



Leonel Moura
e Eduardo Lourenço
junto à escultura 3D
2016



Eduardo Lourenço
Estátua Heterodoxa
Escultura policromada
realizada através de impressão 3D,
composta por 100 peças,
210 cm (altura), 2016

LUÍSA QUEIRÓS

CABO VERDE

Luísa Queirós nasceu em Lisboa, Portugal. Em 1964 concluiu o Curso Geral de Pintura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. Entre 1964 e 1977 lecionou Educação Visual em Lisboa e São Vicente (Cabo Verde).

Em 1976 iniciou, com Manuel Figueira e Bela Duarte, um dos projetos mais significativos para as artes plásticas naquele país: a Cooperativa Resistência, onde inicia a sua atividade como tecelã. Em 1978, em conjunto, foram os impulsionadores do Centro Nacional de Artesanato, sendo responsáveis por recolhas de material, técnicas e formação, ajudando à criação de um importante património cultural. Ali Luísa Queirós leciona tecelagem, tapeçaria e batik. Desde os anos 70 tem-se distinguido como criadora de marionetes (Instituto de Meios Audiovisuais, Lisboa) e ilustradora de livros. Destaca-se, em 2002, a publicação do livro de José Saramago, “Momentos Mágicos na Ilha, Jangada de Pedra”, com catorze ilustrações da sua autoria. Realizou, a partir de 1970, várias exposições individuais e coletivas, em Cabo Verde, Portugal, América Latina e Europa.

Em 2005 expôs no 5.º aniversário da Perve Galeria em Lisboa e esteve representada pela Perve Galeria na Arte Lisboa 2005 - Feira de Arte Contemporânea de Lisboa. Em 2007 e 2008 os seus trabalhos foram também apresentados em Madrid, na Feira de Arte contemporânea ArtMadrid. A sua obra representada em várias coleções públicas e privadas como: Embaixada de Cabo Verde em Nova Iorque, Embaixada de Portugal em Cabo Verde, Palácio da Assembleia e no Palácio da Cultura, na Praia - São Tiago. Com um painel de azulejos no Mercado do Peixe, e várias tapeçarias, no Museu do Centro Nacional de Artesanato em São Vicente, Cabo Verde.

Em 1990, recebeu o Prémio da Comissão da Unesco e do Centro Nacional de Cultura Português, para banda desenhada e, em 1998, o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças. A Assembleia Geral da Associação Mindelact distinguiu a artista plástica Luísa Queirós com o Prémio de Mérito Teatral 2006. As razões desta atribuição prendem-se com o seu trabalho na componente da ilustração de cartazes, programas e logótipos teatrais. Reside em Cabo Verde desde 1975.



Cantiga de trabalho -Xô galinha do mato, Xô homem malvado!, 2004
Aguarela s/ papel, 34x25 cm | LQ10

MANUELA JARDIM

GUINÉ-BISSAU

Manuela Jardim nasceu em Bolama, na Guiné-Bissau. É licenciada em escultura pela Universidade de Belas artes de Lisboa (1975). Frequentou os cursos de gravura, têxteis e decoração da Fundação Ricardo Espírito Santo e serigrafia no Institut National d'Éducation Populaire de Paris.

De 1984 a 1989 exerceu funções de técnica de artes plásticas no Faoj, sendo autora de vários cartazes de divulgação cultural daquele organismo. Manuela Jardim integrou a equipa de representação de Portugal na Bienal dos Artistas dos Países do Mediterrâneo, na Grécia, em 1986, e em França, em 1990.

É autora de dois selos de um bloco filatélico comemorativo da visita de Sua Santidade o Papa João Paulo II à Guiné-Bissau, em 1990. É autora da serigrafia comemorativa do Centenário do Aquário Vasco da Gama em 1998 e também autora do quadro que serviu de divulgação ao Colóquio "Océan: Archipel d'Archipels" do Instituto Franco-Portugais, em 1999.

Nos anos de 2002/3 Manuela Jardim, artista plástica e professora, desenvolveu um estágio sabático no Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, tendo como motivação a coleção de panaria cabo-verdiana e guineense do museu. Integra a equipa do serviço educativo do MNE desde 2008, no âmbito do protocolo de colaboração entre os Ministérios da Cultura e da Educação.



Reencontros XX, 2008 - Técnica mista sobre pasta de papel artesanal, 50x50 cm | MMJ39

MANUEL FIGUEIRA

CABO VERDE

Manuel Figueira nasceu em 1938, na ilha de São Vicente, Cabo Verde. Viveu em Portugal entre 1962 e 1974, onde concluiu o curso de Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

Regressou a Cabo Verde em 1975 para colaborar na revitalização da cultura popular deste arquipélago. Funda, em 1976, a Cooperativa Resistência, com o objetivo de manter viva a tecelagem tradicional cabo-verdiana. De janeiro de 1978 a março de 1989, foi diretor do Centro Nacional de Artesanato, onde orientou artisticamente o projeto, concebendo e executando obras suas, com recurso a técnicas de tecelagem tradicional, tapeçaria e tingidura. Desde 1963, o artista tem exposto em mostras coletivas e individuais. Destacam-se exposições na Áustria, Bélgica, Brasil, Espanha, França, Estados Unidos da América, Portugal e, naturalmente, Cabo Verde.

No ano de 2005, a Galeria Perve apresentou a primeira retrospectiva de Manuel Figueira realizada em Portugal. Nesta exposição, “Visões do Infinito”, foram apresentadas 126 obras do período compreendido entre 1962 e 2004. Pelo seu riquíssimo percurso, o artista foi agraciado com importantes distinções. Em 1988 recebeu o Prémio Jaime Figueiredo (do Ministério da Cultura e Desportos de Cabo Verde) e em 2000 recebeu a Medalha do Vulcão, condecoração atribuída, por ocasião dos 25 Anos da Independência, pela sua importância nas artes plásticas e na cultura de Cabo Verde.

A sua obra está representada em inúmeras coleções públicas e privadas de diversos países, com destaque para as peças incluídas nas coleções do Museu de Ovar, Banco Fomento, Banco Totta & Açores, A.N.P. (cidade da Praia, Cabo Verde), Embaixada de Cabo Verde para a ONU (Nova Iorque), Fundação Pró-Justitae e Palácio da Cultura (Cabo Verde).



O Bêbado, 1996
Guache sobre papel, 31x41 cm | MF100

PAULO KAPELA

ANGOLA

Paulo Kapela nasceu em 1947, na República Democrática do Congo. Autodidata, começou a pintar em 1960 na escola Poto-Poto em Brazzaville, Congo. É colaborador na UNAP – Associação Nacional de Artes Visuais, em Luanda. Paulo Kapela aglutina, nas suas instalações (colagens e assemblagens), despojos da sociedade moderna com imagens das figuras centrais dos movimentos sociais e políticos, resultado do fluxo de acontecimentos históricos que marcaram o século XX em África e no Mundo como foram os movimentos independentistas africanos.

Realizou várias exposições individuais e coletivas das quais se destacam, em 1995, a exposição coletiva “Africus” da I Bienal de Joanesburgo, África do Sul; em 2003 “Tons e Texturas da Angolanidade” no Fórum Telecom - Lisboa; em 2004 “África Remix” exposição coletiva em Londres e Dusseldorf e em 2005, no Japão. Faz parte da coleção “Obras de Artistas de África” na Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, estando representado na exposição “Mais a Sul” em 2005. Expôs na coletiva Sindika Dokolo - Coleção Africana de Arte Contemporânea em Luanda, 2006. Em 2007 esteve representado na 52.ª Bienal de Veneza, Itália.

Em 2006 a sua obra foi integrada na Coleção Lusofonias da Perve Galeria, tendo sido exposta nas apresentações dessa coleção, realizadas em 2009, nas Galerias Perve em Alfama e em Alcântara, em 2010, na Galeria Nacional de Arte, em Dacar, Senegal, e em 2015 no Palácio da Independência, em Lisboa.

Em 2003 recebeu o prémio CICBA Award CICIBA - International Center for Bantu Civilizations Congo. Vive e trabalha em Luanda, Angola.



Série com 24 obras, Sem título, 2004
Composição com 24 pinturas, técnica mista sobre papel
11,5x15 cm (cada obra) | PK25

PEDRO WREDE

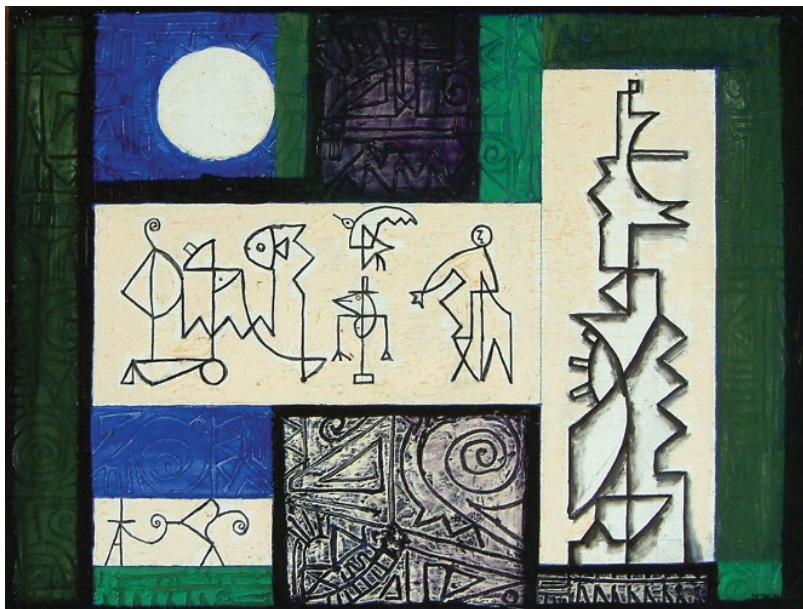
BRASIL

Nasceu em 1952 no Rio de Janeiro, Brasil. Filho de diplomatas, viveu muitos anos fora do Brasil. O seu conhecimento artístico ocorreu de forma diversificada. Teve formação em pintura no Panamá com o artista local Sinclair, apesar de a sua obra ser muito influenciada pelos 12 anos em que viveu no Uruguai. De 1970 a 1974, Pedro Wrede estudou com Alceu Ribeiro que, em 1934, integrou a Asociación de Arte Constructivo de Torres-García.

Entre 1976 e 1979 continuou a sua formação com Juan Storm e Guillermo Fernández. Decidiu, então, viver e trabalhar em Espanha, onde permaneceu até 1992. A sua primeira exposição individual ocorreu em 1973 na Galeria Gastal, em Brasília. Desde então realizou diversas exposições coletivas e individuais no Brasil, em Portugal, Espanha, Suíça, entre outros países. Expôs também nos Estados Unidos, no Latin American Art Museum e no Serious Studios, ambos localizados em Miami, e na Bélgica na LineART em Gent. Em 2004, Pedro Wrede participou em exposições na Áustria na AAI Galerie de Viena e na mostra “Mestres da Imaginação”, na Agora Gallery de Nova Iorque, e em “Art Copenhagen” na Dinamarca.

No Centro Cultural Correios do Rio de Janeiro, em 2006, foi apresentada uma retrospectiva “Caminhos Humanos”, que reuniu aproximadamente 70 das suas mais expressivas criações após o seu regresso ao Brasil, em 1993.

Em Portugal, Pedro Wrede foi um dos participantes da exposição “Encontro de Periferias”, em 2006, na Perve Galeria que reuniu obras de autores da Argentina, Brasil, Bulgária, Portugal, Roménia e Ucrânia. Em 2008, esteve representado pela Perve Galeria na ArtMadrid 08 - Feira de Arte Contemporânea, e na exposição coletiva de reinauguração da Perve Galeria, “Olhar o Mundo”. Pedro Wrede vive e trabalha perto da cidade do Rio de Janeiro.



Sem título, 1996
Óleo sobre tela, 60x80 cm | PW15

RAÚL PEREZ

PORTUGAL

Raúl Perez nasceu no Minho, Portugal, em 1944. Realizou a sua primeira exposição aos 28 anos. Ligado à corrente surrealista portuguesa, e em particular a Cruzeiro Seixas, Raúl Perez consegue incluir-se nesta continuidade e, simultaneamente, libertar-se dela. Com obras expostas na Galeria de São Mamede em 1972, 1982 e 1985, participou igualmente em diversas exposições organizadas pelo escritor e pintor Mário Cesariny (1923-2006).

O surrealismo é, evidentemente, uma referência estruturante na obra de Raúl Perez mas, com a chegada tardia desta corrente artística a Portugal, teve aqui uma expressão muito residual. Personagem polémica e contestada, Mário Cesariny acreditava que «a ausência de estruturação conferiu ao surrealismo português uma enorme vitalidade externa» e salientava que em Portugal nunca existira um movimento surrealista, nem mesmo no ano da existência pública (1948-1949) do Grupo Surrealista de Lisboa. Este, após a publicação de quatro opúsculos, de uma manifestação pública e de uma exposição de pintura, acabou por se extinguir, dando lugar a um outro grupo que também desapareceria pouco depois: “Os Surrealistas”.

«O surrealismo português viveu e morreu, sem qualquer dúvida, clandestinamente.» Raúl Perez é, evidentemente, herdeiro desta história, enquadrando-se mesmo, antes de mais, nessa corrente outrora celebrada por André Breton, a da «arte mágica».

Sonhos transformados em aparência e substância, as suas obras, simultaneamente inquietantes e perfeitas, assentam na materialização do enfeitiçamento.



Sem título, 1963
Óleo sobre tela, 65x54 cm | RPZ07

REINATA SADIMBA

MOÇAMBIQUE

Reinata Sadimba nasceu em 1945, na aldeia de Nemu, norte de Moçambique. Filha de agricultores, recebe a educação tradicional dos Macondes que inclui o fabrico de utensílios em barro. Apesar de os Macondes atribuírem o papel preponderante na sociedade às mulheres, em Moçambique (e também na Tanzânia), a escultura é ainda um “trabalho de homens”.

É provavelmente por esse facto que poucos levaram a sério o trabalho de Reinata no início da sua carreira. No entanto, em 1975, Reinata inicia uma transformação profunda das suas cerâmicas, tornando-se rapidamente conhecida pelas suas formas fantásticas e estranhas.

Reinata Sadimba é hoje considerada uma das mais importantes mulheres artistas de todo o continente africano.

Sadimba recebeu inúmeros prémios e distinções (Bélgica, Suíça, Portugal e Dinamarca) e as suas obras estão representadas em várias instituições, como o Museu Nacional de Moçambique ou o Museu de Etnologia de Lisboa.

O seu trabalho está presente em inúmeras coleções públicas e privadas em todo o mundo como a coleção de Arte Moderna da Culturgest, a coleção Sarenco e a coleção Lusofonias.



Sem título, 2006
Terracota e grafite, 35x20x15 cm | R106



3.º **NÚCLEO TEMÁTICO:** "PRESENTE-FUTURO"

Terceiro e último momento da mostra, procura apresentar a criação artística que se tem vindo a verificar na contemporaneidade, fruto de uma geração que, felizmente, não passou pelas agruras das gerações precedentes mas que, num contexto de mundo interconectado, enfrenta desafios de validação e identidade quicá nunca antes observados no meio artístico. E esta geração de autores tem conseguido precisamente isso: a sua afirmação no contexto de democracias consolidadas ou das que ainda estão em processo de consolidação, não fugindo à responsabilidade de enfrentar os (novos) desafios colocados pela era da Globalização.

- ABRAÃO VICENTE (CABO VERDE)
- ALDO ALCOTA (CHILE)
- ALEX DA SILVA (ANGOLA | CABO VERDE)
- ANA SILVA (ANGOLA)
- CABRAL NUNES (MOÇAMBIQUE | PORTUGAL)
- CARLOS TÁRDEZ (ESPANHA)
- EDSON CHAGAS (ANGOLA)
- GABRIEL GARCIA (PORTUGAL)
- ISABELLA CARVALHO (BRASIL)
- JOÃO GARCIA MIGUEL (PORTUGAL)
- JOSÉ CHAMBEL (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE)
- MANUEL JOÃO VIEIRA (PORTUGAL)
- MARCO BRÁS (MOÇAMBIQUE | PORTUGAL | E.U.A.)
- MÁRCIA MATONSE (MOÇAMBIQUE)
- MÁRIO MACILAU (MOÇAMBIQUE)
- MITO (CABO VERDE)
- REGINA COSTA (ANGOLA | BRASIL)
- RODRIGO BETTENCOURT DA CÂMARA (PORTUGAL)
- SÉRGIO GUERRA (BRASIL)
- SÉRGIO SANTIMANO (MOÇAMBIQUE)

ABRAÃO VICENTE

CABO VERDE

Abraão Vicente nasceu a 26 de fevereiro de 1980, no interior da ilha de Santiago, em Cabo Verde, numa família numerosa, sendo o sexto de oito irmãos. Em casa encontrou no pai e no avô, estudiosos da língua crioula e da cultura da ilha, o gosto pela literatura e pelas artes.

Estudou na Vila de Assomada e na cidade da Praia e, com 18 anos, fixou-se em Lisboa, onde se licenciou em Sociologia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2003), com a tese sobre a construção do campo artístico em Portugal durante o século XX.

Entre exposições individuais e coletivas, passou um período em Barcelona, onde foi um dos programadores e artista do espaço de experimentação artística Miscelânea.

No campo literário é autor de “O Trampolim” (Romance), “E de Repente a Noite” (Poesia), “Traços Rosa Choque” (Coletânea de crónicas) e “1980 Labirintos” (Poesia) e, ainda, faz parte da coletânea “Dez contos para ler sentado” (Contos).

É um artista multifacetado. Foi apresentador de televisão e, a partir de 2011, assumiu funções de deputado pelo Movimento para a Democracia.

Atualmente vive em Cabo Verde onde, a par com o desenvolvimento do seu trabalho nas artes plásticas, já exerceu a função de jornalista. É um ativista social e cronista, escrevendo regularmente para vários jornais cabo-verdianos. É o atual Ministro da Cultura de Cabo Verde.



Sem título, 2015

Técnica mista sobre papel, 60x84 cm | AV009

ALDO ALCOTA

CHILE

“Os personagens das minhas obras nascem da experiência surreal que eu tenho com o mundo e suas relações humanas absurdas. Desenho seres mutilados, canibais fantoches, strippers, monarcas, robôs; criaturas que formam um “pesadelo teatral”, que vociferam os traumas e os medos de hoje. Um circo de horror que não está longe da realidade quotidiana, porque é o que se vê no noticiário, na televisão, na política, na guerra... Vivemos cercados pelo grotesco. Além disso, não podemos dizer que somos uma espécie racional. Muito pelo contrário. Os meus desenhos são baseados em um jogo “patafísico”, onde há humor e poesia, um laboratório onde novos corpos são inventados, uma fusão de humano e animal, assimétrico, híbrido, peludo, à maneira de Dr. Moreau. E no que respeita ao ato criativo, eu confio mais transpiração do que inspiração.” (Aldo Alcota)

Aldo Alcota, nascido em Santiago do Chile, em 1976, é um artista multifacetado. Expôs os seus trabalhos em conjunto com os artistas do movimento internacional “Phases”. Também participou na atividade patafísica do Chile. Na Europa, Alcota teve as suas obras expostas a par com obras de artistas como Pierre Alechinsky, Antonio Saura, Max Ernst, Eugenio Granell, Hans Bellmer, Paula Rego, Cruzeiro Seixas e Malangatana, entre outros. E no Chile expôs ao lado de pintores tais como Sergio Montecino, Adolfo Couve, Ramón Vergara Grez, Julio Escámez e o poeta Enrique Lihn. Ilustrou dois livros de poesia: “Nudos Velados” de Rodrigo Verdugo, e “Espejo Ultrasombra” de Roberto Yanez. Também criou uma obra para “Color Lux”, texto poético de Carlos Sedille. Uma das suas obras foi incluída na revista canadiana “La Tortue-Lièvre” com as obras de Karl-Otto Götz, Raoul Ubac e Enrique Zañartu. É um dos editores da revista “Stroke”, de orientação surrealista.



Corporalidad comestible mental IO, 2011
Técnica mista s/bandeja de cartão, 28x22 cm | ALC024

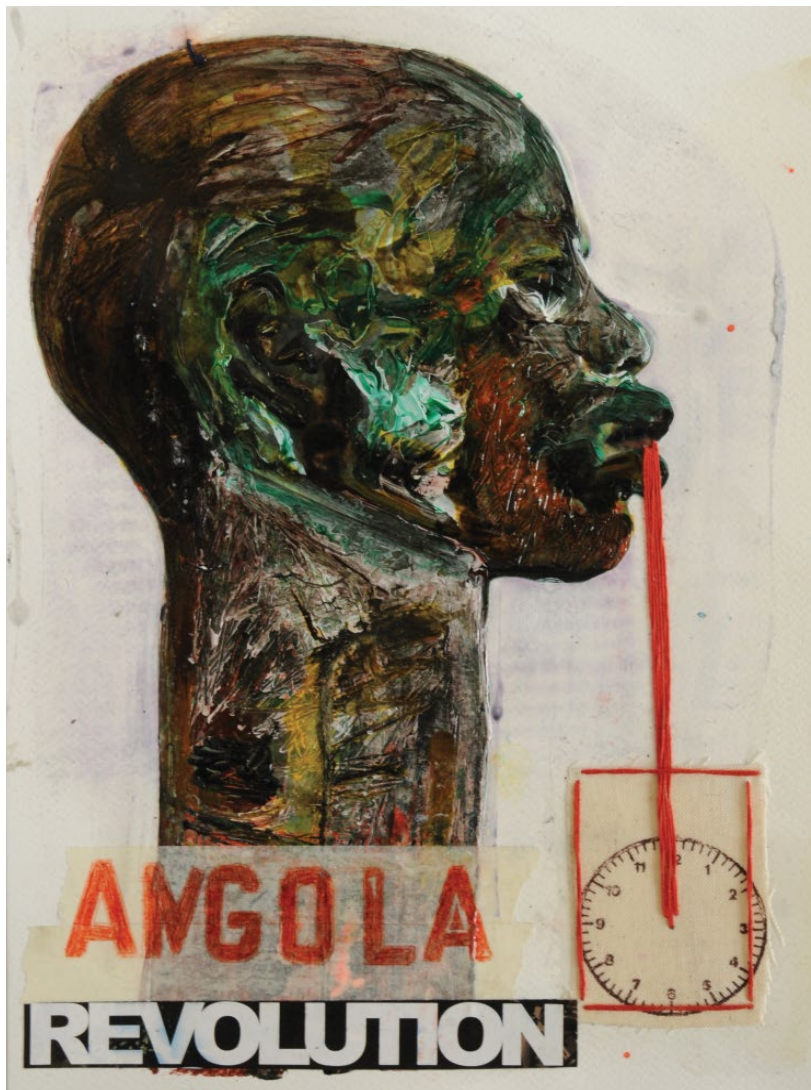
ALEX DA SILVA

ANGOLA | CABO VERDE

Alex da Silva Barbosa Andrade, que assina as suas obras usando também o pseudónimo Xand, nasceu a 16 de abril de 1974, em Luanda (Angola). Filho de pais cabo-verdianos, cresceu naquele arquipélago e hoje reparte a sua vida entre Cabo Verde e a Holanda. Formou-se, com distinção, na Academia de Arte e Arquitetura Willem de Kooning, em Roterdão, em 1999. Foi aluno do Programa de Intercâmbio Sócrates / Erasmus, da União Europeia, na Faculdade de Belas Artes Alonso Cano, em Granada, Espanha, entre 1997 e 1998. Seguiu para pós-graduação e mestrado, em 2000, na Minerva Academy, em Groningen, Holanda.

Alex da Silva tem exposto o seu trabalho regularmente, desde 1999, em Cabo Verde, Holanda, Emirados Árabes Unidos, Espanha, França, Luxemburgo, Curaçao, Senegal, Alemanha e Portugal. Em 2012, Alex foi escolhido para criar um monumento, intitulado “Clave”, em Roterdão, para comemorar os 150 anos da abolição do comércio de escravos holandeses, de África para o Suriname e Antilhas.

Em 2015, Alex da Silva iniciou a sua colaboração com a Perve Galeria, tendo participado na exposição “7+5=1”, realizada em outubro, sendo a sua obra integrada posteriormente na Coleção Lusofonias.



Série Liquid Spirits, 2015 - Técnica mista sobre papel, 27x35 cm | AXSII

ANA SILVA

ANGOLA

Ana Silva nasceu em 1970, no Calulo, Angola.

Em 2002 vai para Portugal, onde frequentou o curso de formação artística em Desenho, Pintura e História de Arte, na ArCo, em Lisboa. Em 1999 faz a sua primeira exposição individual na Alliance Française, em Luanda. No mesmo ano dedica-se à escultura, pintura e cerâmica. As exposições em Angola vão-se repetindo ao longo dos anos, destacando-se a Exposição Coletiva de Pintura, no Banco Africano de Investimentos, em 2000, e a Exposição de Pintura e Escultura, na Embaixada de Itália em Angola, em 2001. Em Lisboa, realizou a sua primeira exposição individual “Dizer que somos pessoas”, em 2002 e, em 2003, a exposição “Seres suspensos” na Perve Galeria.

Foi ainda responsável pela elaboração de capas de livros do escritor Ondjaki, como “Bom dia camaradas” e “Há Prendizagens com o Xão”, ambos editados em Portugal pela Caminho; bem como pelo vestuário e cenografia do espetáculo de teatro e dança “Yeux bleus, Cheveux noirs”, de Margarete Duras, adaptado por Fabrizio dal Borgo, em Luanda, em 2001.

Em 2001 ganhou o 2.º lugar no Concurso de Beers, Luanda, Angola. Em 2004 participou na Feira de Arte de Lisboa, no stand da Perve Galeria, com composição feita em 8 chapas metálicas retro-iluminadas, projeto com a curadoria de Carlos Cabral Nunes, que foi considerado, pelo jornal “Público”, como a “Melhor Obra” em exposição nessa feira.

Dessa composição, 2 obras foram integradas na Coleção Lusofonias, juntando-se a outras 2 telas, de sua autoria, que haviam sido incorporadas anteriormente nessa coleção.



Sem título, 2006-2010
Técnica mista sobre chapa de zinco, 100x100 cm | AS29

CABRAL NUNES

MOÇAMBIQUE | PORTUGAL

Cabral Nunes nasceu em 1971 em Moçambique, vive em Portugal desde 1975.

Foi aluno da Academia Artística de Remscheid, Alemanha, em 1989. Frequentou o curso de “Digital Multimedia Authoring” no Arthouse Multimedia Centre for the Arts, Dublin, Irlanda, e é membro permanente da Academia Europeia de Media Digital, Utrecht, Holanda. Concluiu em 2013, a componente letiva do Doutoramento em Artes Visuais da Universidade de Évora.

Amigo e admirador de Artur Bual e de Mário Cesariny, a eles deve o incentivo para expor as suas obras, a partir de 1997. Nesse ano realiza o manifesto de Arte Global, que deu origem à criação do Colectivo Multimédia Perve associação sem/fins lucrativos, de que é membro fundador e dirigente. No ano 2000, fundou a Perve Galeria e, em 2013, a Casa da Liberdade - Mário Cesariny, exercendo funções de gestão e direção artística.

Como autor multimédia, recebeu vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Foi membro do júri do “Top Talent Award” em 2003. Participa regularmente como formador e orador, expondo o seu trabalho audiovisual e multimédia, em cursos, seminários e conferências em território nacional e noutros países, como Espanha, França, Alemanha, República Checa e Áustria. É realizador da série documental “NOMA”, composta por 24 filmes dedicados à arte moderna e contemporânea. Em 2008 fez o projeto de curadoria “O.U.T.”, para a Trienal de Praga (ITCA 2008) e também “MOBILITY. Re-Reading the Future”, projeto com apoio europeu, inserido no plano de curadoria desta trienal, que foi apresentado em 5 países. Ao longo de 20 anos, participou em várias exposições coletivas, entre as quais “O Figura - Homenagem a Artur Bual”, 1997; “Razões de Existir”, 2001 e em feiras de Arte em Lisboa e Madrid, entre 2005 e 2012. Realizou “M. Arte” e “Zoomorfismos da cor”, na Perve Galeria em 2002 e 2003, respetivamente e “(nós) Para além do Mar”, no IPJ, em 2002.

Foi distinguido, entre outros, com o Prémio Jovem - Arte Contemporânea na XI Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2001, Prémio “Design Visual e Interação” do Prémio Nacional de Multimédia, 2001 e a “Menção Honrosa” atribuída pelo júri do Prémio Nacional de Multimédia, 2001. A sua obra está representada na Coleção Lusofonias, por imposição de Cesariny, desde 2003.

Em 2014 lançou uma petição, uma extensa e complexa iniciativa pública, bem sucedida, subscrita por mais de 10.000 pessoas, para a manutenção no país da coleção composta por 85 obras de Joan Miró, que o Estado Português pretendia levar a leilão.



A tous une son goût: les Parisiens le faite et moi aussi, 2013
Técnica mista sobre papel, 20x13 cm | CNU322



Bandeja para Joan M., 2014
Prato cerâmico. Pasta refratária, pintura a óxidos, corantes e vidrado transparente, 37 cm (diâmetro) | CNU330

CARLOS TÁRDEZ

ESPAÑA

Carlos Tárdez nasceu em Madrid, em 1976. Licenciado pela Universidade Complutense de Belas Artes de Madrid, expõe individualmente desde 2000.

Assume a sua obra como fruto da banalidade e das suas experiências pessoais, por reconhecer aí uma fonte temática inesgotável.

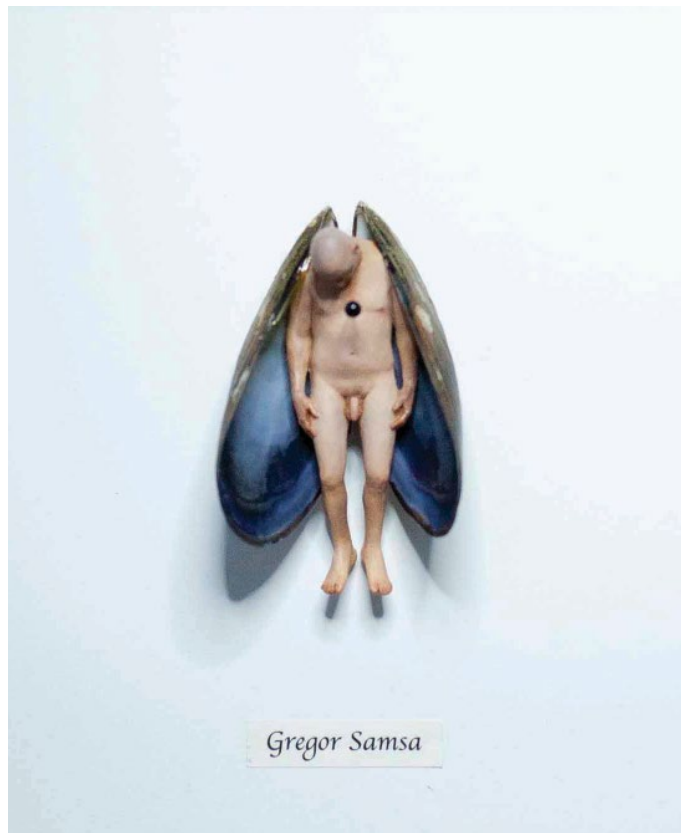
Na pintura, no desenho, na fotografia, Tárdez expressa-se através de uma técnica de realismo cuidado, em composições enfáticas em que o vazio adquire também um importante significado, em muitos casos, um peso conceptual próprio da pintura abstrata.

Assume uma figuração simbólica baseada em recursos muito específicos com os quais vai enriquecendo um dicionário muito próprio. Nas suas obras, o título sugere muitas vezes a ideia subjacente, deixando no entanto, sempre, a porta aberta à interpretação subjetiva do espectador.

O seu trabalho de escultura é fruto de um processo íntimo com formas que apreende, relê e descontextualiza para, a partir delas, buscar novos pontos de vista. Utiliza objetos ou ideias preconcebidas, associando renovados significados. É uma obra habitada de mitologia, revestida de ironia, de casamentos improváveis e de duplos sentidos, materializados, geralmente, em peças de pequeno formato, por vezes até miniaturas, modeladas em resina e policromadas. O uso da figura humana nua é recorrente, sem elementos que o possam camuflar. São esculturas verdadeiramente singulares onde existe uma valorização do seu carácter objetual, que se configura quase mágico, onde a matéria assume especial relevância. Seja ela orgânica ou inorgânica, é dotada de um significado próprio.

Tárdez foi finalista em vários prémios, destacando-se: Saexma (2.º Certame de Pintura de Pequeno Formato); 2009 - IV Concurso de pintura figurativa, Fundacion de las artes e los artistas (seleção); 2013 e 2014 - Prémio MBV de pintura, no qual lhe foi atribuída, em 2011, uma menção honrosa.

Nos últimos anos tem vindo a expor sobretudo em Espanha e Portugal, onde a sua obra é representada pela Perve Galeria desde 2015.



Gregor Samsa, 2015
Resina policromada e concha de mexilhão, 10x6x5 cm | CTZ019

EDSON CHAGAS

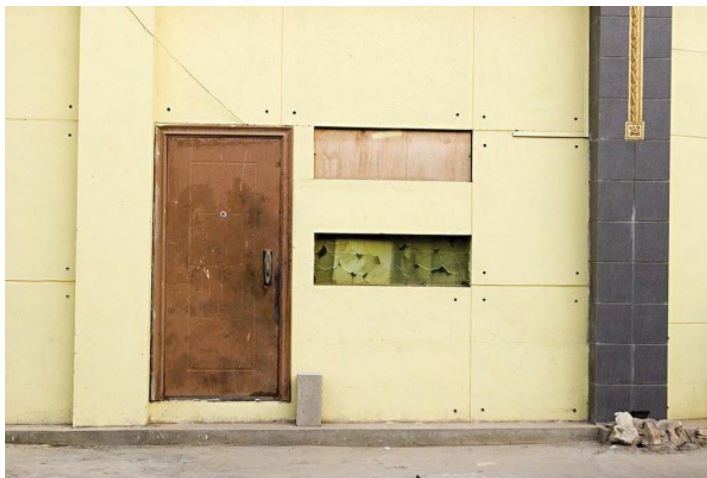
ANGOLA

Edson Chagas nasceu em 1977, em Luanda, Angola. Estudou fotografia em Newport na University of South Wales, London College of Communication, na ETIC em Lisboa, Portugal, e no Centro Comunitário de Arcena, Alverca, Portugal.

Exposições individuais: Stevenson Gallery (2014/2015); Instituto Camões em Luanda (2014); Belfast Exposed Photography, Irlanda do Norte (2014); Palazzo Gallery, Brescia, Itália (2013) e no memorial Agostinho Neto (2013), Luanda. Em 2013 Chagas foi o artista representante do pavilhão de Angola na 55 Bienal de Veneza, participação que ganhou o Leão de Ouro como o melhor pavilhão nacional. Em 2015 foi um dos três artistas selecionados para participar no 11.º Prémio Novo Banco Photo, no Museu Coleção Berardo, Lisboa.

Exposições de grupo notáveis incluem a exposição “Desguised” que iniciou no Seattle Art Museum e, mais recentemente, inaugurou no Brooklyn Museum, de abril a setembro (2016); “Ocean of images, New Photography” no MOMA, Nova Iorque (2015-2016); A Divina Comédia: Paraíso, Purgatório e Inferno com curadoria de Simon Njami, que decorreu no MMK Frankfurt, e no Smithsonian National Museum of African Art in Washington, DC, como em outros locais (2014-15); Lagos Photo Festival (2014); Shifting Africa - What the Future Holds, Mediations Biennale, Poznań, Polónia e Kunsthalle Faust, Hanover, Alemanha (2014); Journal, Institute of Contemporary Arts, Londres (2014); NO FLY ZONE, Unlimited Mileage, Museu Coleção Berardo, Lisboa (2013); Transit, OCA, São Paulo (2013); RAVY Visual Arts Festival, Yaoundé (2012) e Segunda Trienal de Luanda (2010).

Edson Chagas vive e trabalha em Luanda.



Provas da exposição realizada no Pavilhão de Angola, na Bienal de Veneza, 2013. Assinadas pelo autor, 50x70 cm | EDCHA01

GABRIEL GARCIA

PORTUGAL

Gabriel Garcia nasceu na ilha do Pico, Açores, em 1977. Na ilha de São Miguel, frequentou, entre 1994 e 1995, o ateliê de expressão plástica - desenho e pintura - da Academia das Artes de Ponta Delgada, orientado pelo pintor Filipe Franco. Em 2005 terminou a licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Além da sua formação académica, frequentou vários workshops e cursos de fotografia, cena-dramaturgia, ilustração científica, entre outros. No seu ainda inicial percurso artístico, participou em várias exposições individuais e coletivas. Destaca-se, em 2000, a exposição individual na biblioteca José Saramago (Beja), de desenhos baseados na obra de José Saramago “O conto da Ilha desconhecida”, aquando da visita do Prémio Nobel a esta instituição.

Em 2003 integrou a exposição de pintura e gravura “Memoriar”, na Perve Galeria. Em 2007, participou com o projeto “Membranas” no coletivo IndigoNoir & Mécanosphère no Instituto Franco-Português, em Lisboa. Em 2008 participou na exposição “Gravura Contemporânea” de alunos e ex-alunos da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, no Museu Nacional de História Natural.

Em 2008 expôs no 62.º Salon des Artistes du Hurepoix, em Paris. Esteve ainda representado na Trienal de Praga (ITCA 2008), no projeto de curadoria da Perve Galeria: “Mobility. Re-reading the future”. Esta exposição esteve também patente nas galerias KAIKU e FAFA da Academia Finlandesa de Belas Artes em Helsínquia, no Panteão Nacional em Lisboa e na Galeria Nacional em Sofia. A sua obra está representada em diversos acervos e coleções privadas.



Entre as portas e a luz, 2009
Instalação, técnica mista sobre papel, composta por 29 pinturas de dimensões variáveis

ISABELLA CARVALHO

BRASIL

Nascida em 1964, no Rio de Janeiro, Brasil, Isabella Carvalho frequentou vários cursos de desenho, história de arte, manufatura de azulejo e pintura em tecidos. Em França fez formação em estamparia de tecidos, frequentando o atelier ADAC – “Atelier d’Expression Culturelle”, Paris.

Em 1993 expôs na Maison de la Radio, em Paris. Desde então participou em dezenas de mostras coletivas. Destacam-se as exposições no Banco do Brasil, em São Paulo, em 1995, e, em 1999, na Galeria Solange Cazzaro, em Campinas.

No período de três anos em que viveu em Portugal, expôs no “Mac”- Movimento Arte Contemporânea, em Lisboa, em 2001. Iniciou a sua colaboração com a Perve Galeria em 2002, participando na exposição coletiva “Sulcos (roxos) do olhar”, a que se seguiria a participação na mostra “5+2=3” e, posteriormente, na feira Arte Estoril. Em 2003 quatro obras suas são incorporadas na Coleção Lusofonias e, em 2004, expôs individualmente na Prefeitura Municipal de São José dos Campos, São Paulo. Esteve representada pela Perve Galeria na Arte Lisboa 2005 – Feira de Arte Contemporânea de Lisboa e na exposição do 5.º aniversário desta Galeria.

Isabella Carvalho regressou ao Brasil em 2004, tendo montado na cidade de São José dos Campos, um ateliê e uma Galeria de Arte com o seu nome, onde realiza exposições e desenvolve o intercâmbio de arte Contemporânea Ibérica e Francesa. Em 2015, Isabella Carvalho abriu o 2.º ateliê-galeria, desta feita dedicado ao têxtil, na cidade de São Paulo.



Barriga n.º 8, 2004
Assemblagem de têxtil
80x30x20 cm
IC9

JOÃO GARCIA MIGUEL

PORTUGAL

João Garcia Miguel nasceu em 1961, em Lisboa. Licenciado em Pintura pela ESBAL, fez pós-graduação em Comunicação, Cultura e TI e Mestrado “O Actor Imagem”, no ISCTE. Em 2007 foi doutorando em “Teoria, Historia y Práctica del Teatro” pela Universidade Alcalá de Henares, Madrid. Leciona Teatro, Animação Cultural e Som e Imagem na ESAD, das Caldas da Rainha. É membro fundador do grupo Canibalismo Cósmico (performance/instalação). É também membro fundador da Galeria ZDB e do grupo de teatro OLHO.

Organizou e dirigiu o Festival X desde a sua 1.ª edição. Trabalhou como intérprete, destacando-se “À espera de Godot”, de Beckett, com encenação de João Fiadeiro, e “Homens-Toupeira”, que co-realizou com Edgar Pêra.

Criou e encenou o espetáculo “Especial Nada” e co-criou com Clara Andermatt e Michael Margotta a peça “As Ondas” (2004). Em 2005 encenou para o Teatro Bruto “Ruínas”, onde também expôs uma série de obras feitas com base nas personagens da peça. Iniciou a sua colaboração com a Perve Galeria em 2008, realizando a exposição individual “Sem título há 20 Anos”, integrada no 2.º Encontro de Arte Global, no qual também participou como performer e com a encenação da peça “A Velha Casa”, de Luiz Pacheco. Obras suas foram integradas na Coleção Lusofonias em 2008 e, mais recentemente, participou da realização em Nova Deli de um solo project na India Art Fair, para a Perve Galeria (2014).



Performance “Lágrimas de Portugal”,
realização Cabral Nunes, 14’50”, 2014



Adão, 1988/92 - Mista sobre papel, 97x70 cm | JMG008

JOSÉ CHAMBEL

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Nascido em São Tomé e Príncipe, José Chambel vive e trabalha em Portugal. Estudou no Instituto Português de Fotografia, de 1992 a 1994.

O seu trabalho fotográfico inscreve-se numa linguagem de carácter documental, desenvolvendo projetos onde explora a luz através do preto e branco, com temas centrados na preservação do património cultural, material e imaterial, em Portugal, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

De entre os vários projetos que José Chambel levou a cabo destacam-se “Arqueologia Industrial” (Portugal), “Tchilóli” (São Tomé e Príncipe), “Tabanka” (Cabo Verde) e “Capital” (Ilha do Príncipe). A sua obra está representada em várias coleções públicas e privadas, tais como a coleção do Centro Português de Fotografia, a coleção do Centro Cultural de São João da Madeira, a Fundação Ormeo Junqueira Botelho e a Coleção Lusofonias.

José Chambel expõe regularmente desde 1993, tendo participado em diversas bienais e exposições colectivas, quer em Portugal quer no estrangeiro, tais como “Alfa e Omega”, Instituto Português de Fotografia (1996); V Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira (1997); Centro Cultural de São João da Madeira (1998); Centro Cultural Português, São Tomé e Príncipe (2000); Bienal Internacional de Fotografia de Curitiba, Brasil (2001); Galeria Imagolúcis, Porto (2001); Museu de Tabanka, Assomada, Cabo Verde (2001); FotoFesta, Maputo, Moçambique (2004); Museu da Imagem, Braga (2005); Centro Cultural Humberto Mauro, Brasil (2005); Cineport II, Lagos (2006); Galeria Espaço Q, Porto (2013); Artistas dos Países Lusófonos, Casino Estoril (2013); “Resistência e Liberdade - Independências na arte das Lusofonias”, Palácio da Independência, Lisboa (2015), e CAPITAL - Santo António do Príncipe, Goa State Central Library, Patto, Panjim (2016). Em Portugal, a sua obra passou a ser representada pela Perve Galeria, desde 2015.



Sem título (Série Tchilóli), 1997 - Fotografia a preto e branco
Impressão Epson Ultrachrome 40x50 cm | JCH014

MANUEL JOÃO VIEIRA

PORTUGAL

Manuel João Vieira é um dos artistas portugueses mais prolíficos e importantes da sua geração. Nasceu em Lisboa, Portugal, a cidade-cenário da ação em diferentes áreas, da pintura à música, passando pela performance-arte, cinema, literatura e política.

Em 1983 fundou o Grupo “Homeostético” que gerou atenção nas novas tendências artísticas da época. Com uma crítica aguda, Vieira tem uma personalidade forte, aliada a uma componente teatral humorística. Isso é visível nos seus espaços habitados cenográficos ou nos ambientes grotescos que cria.

Fundador e vocalista de bandas como os “Ena Pá 2000”, “Irmãos Catita” ou “Corações de Atum”, onde inclui a representação teatral de personagens como “Orgasmo Carlos”, “Lello Universal”, entre outros, que estão também presentes em longas metragens, vídeos e séries de televisão.

Em 2011, fez a sua performance artística mais corajosa: anunciou a sua candidatura à Presidência da República Portuguesa onde criou vários atos artísticos dentro do quadro de uma campanha política.



Amor Cão, 2014
Técnica mista sobre papel 63x63 cm | MJVIII

MARCO BRÁS

MOÇAMBIQUE, PORTUGAL, E.U.A

Marco Brás nasceu em Moçambique, a 8 de abril de 1973. Tirou o curso de Imagem na Escola de Artes Visuais António Arroio, em Lisboa. Executou fotografias para catálogos de diversos artistas plásticos. Foi assistente técnico de escultura em mármore com o escultor Moisés, em Pero Pinheiro, Sintra, com o escultor António Quina e com o escultor Rogério Timóteo em Anços, Pedra Furada, Sintra. Tirou o curso de escultura do Centro Internacional de Escultura de Pero Pinheiro, Sintra. Em 2004, Marco Brás fixou residência nos Estados Unidos da América, onde vive e trabalha.

Expõe regularmente desde a década de 1990, destacando-se as seguintes mostras: Jovarte, Pavilhão Paz e Amizade, C. M. Loures (1995); Coletiva de Escultura “Preto e Branco às Cores”, Centro Lúdico Rio de Mouro, C. M. Sintra (1996); Coletiva de Escultura dos Alunos Finalistas do Curso do Centro Internacional de Escultura, Centro Lúdico de Rio de Mouro, C. M. Sintra (1997); Mostra de Trabalhos dos Artistas Seleccionados no Prémio de Pintura e Escultura D. Fernando II (1997); Coletiva de Escultura, Galeria Municipal de Alverca, C. M. Vila Franca de Xira (1997); Mostra de Escultura ao Ar Livre, C. M. Amadora (1997); Coletiva de Escultura, C. M. Albufeira (1997); “Outros Oceanos”, Exposição Coletiva do Aniversário da Galeria Municipal, Centro Lúdico Rio de Mouro, C. M. Sintra (1998); Concurso de Professor Reinaldo dos Santos, Fórum Chelsea, Alverca, C. M. Vila Franca de Xira (1998); Galeria Municipal Gymnasium, Espaço Chiado, C. M. Lisboa (1998); Galeria Municipal de Fitaes, Rinchoa, C. M. Sintra (1998); 1999 III Bienal de Artes do Alentejo (1999); Galeria do Penta Hotel “Escultura” (1999); V Bienal Internacional de Artes Plásticas, Venda Nova (1999); Exposição Coletiva dos Artistas Lusófonos 99 (1999); “Olhos do Mundo”, Perve Galeria (2000); “Perve Acervo 2001”, Edifício do Banco de Portugal, Leiria (2002); Porto Arte 2003, feira de arte contemporânea do Porto (2003).

Recebeu, entre outras distinções, a Menção honrosa Jovarte, Pavilhão Paz e Amizade, C. M. Loures (1995/97) e o 1.º Prémio do Concurso de Escultura D. Fernando II (1997).

A sua obra está representada em diferentes coleções, das quais se destaca a Casa de Juventude, Mercês (Câmara Municipal de Sintra) e Museu Roque Gameiro (Câmara Municipal da Amadora).



Flor de Lótus, 2000
Escultura em pedra
45x80x40 cm | MBR14

MÁRCIA MATONSE

MOÇAMBIQUE

Nasceu em 1967, Moçambique. Vive e trabalha em Maputo, onde também é professora na Escola de Artes Visuais.

Artista plástica autodidata, a sua obra inicia-se na década de 80, coincidindo com a altura em que surgem em Moçambique as primeiras experiências com a criação de obras cujo carácter híbrido, resultante de combinações de linguagens e de temas populares com técnicas e linguagens europeias e ocidentais, produzem obras sincréticas, de uma forma geral, nas áreas da pintura e escultura. A sua obra insere-se na linha da tradição da cultura popular local, fortemente ligada a uma estética com rituais seculares.

Desde 1996 que podemos ver a obra de Márcia Matonse em exposições coletivas. Participou das mostras organizadas pelo Núcleo de Artes de Maputo (1998-99) e esteve presente na Bienal TDM, também em Maputo (1999).

Com a Perve Galeria expôs pela primeira vez em Portugal, na exposição inaugural da galeria “Olhos do Mundo” (2000) e volta a apresentar trabalhos nas exposições “Maningueamente Ser” (2001), “Sulcos (roxos) do Olhar” (2002) e na “Arte Lisboa - Feira de Arte Contemporânea” (2004). Integrou a exposição “Mais a Sul” - Artistas de África da Coleção do Banco Caixa Geral de Depósitos (Culturgest) em Lisboa e Porto, estando representada na coleção de artistas africanos desta instituição bancária.

A sua obra está também integrada na Coleção Lusofonias, tendo sido apresentada no âmbito das exposições realizadas em torno da dita coleção, em Lisboa (2009) e na Galeria Nacional de Arte, em Dakar (2010).



Sem título, 1999
Acrílica sobre tela, 100x69 cm | MM03

MÁRIO MACILAU

MOÇAMBIQUE

Mário Macilau nasceu em Moçambique, em 1984. É uma figura de destaque de uma nova e impressionante geração de fotógrafos africanos. Iniciou o seu trabalho artístico em 2003 nas ruas da capital do seu país, Maputo. Em 2015, participou na 56.^a Bienal de Veneza, com um projeto inesperado sobre a vida das crianças de rua de Maputo, exposto no Pavilhão do Vaticano.

Mário Macilau foi, recentemente, vencedor de vários prémios, nomeadamente “The FP Magazine’s Global Thinkers award”. Foi finalista da “Unicef Photo of the Year” em 2009. O seu trabalho tem sido largamente apresentado em exposições individuais e coletivas, tanto no seu país de origem, como a nível internacional, nomeadamente em “Pangaea: New Art from Africa and Latin America”, Saatchi Gallery (2014), “Making Africa”, Vitra Design Museum (2015), Bienal de Veneza (2015) e Guggenheim, Bilbao (2015-16).

A obra de Macilau integra as coleções institucionais da Daimler Art Collection, Berlim/Estugarda (Alemanha), da Fundação PLMJ (Lisboa, Portugal), do Banco Comercial e de Investimentos (Maputo), da Embaixada Francesa em Maputo, e da African Artists’ Foundation (Lagos). Está ainda presente em várias coleções privadas portuguesas e internacionais (Alemanha, França, Espanha, Estados Unidos e África).



Purification of the Soul (The Zionist series), 2016
Fotografia impressa sobre papel de algodão, 60x90 cm | MMC018

Fernando Hamilton Barbosa Elias nasceu na cidade da Praia, em Cabo Verde, em 1965. Conhecido como Mito ou Mito Elias, é poeta e artista plástico multifacetado, busca na luz e no som a “poesis mutantis”.

Estudou no Ar.Co, em Lisboa, entre 1989 e 1992. Vive e trabalha na diáspora desde 1989.

Tem desenvolvido uma linguagem plástica muito singular, que incide sobre a pesquisa da oralidade e do fabulário crioulo e que se materializa num estilo simbiótico entre a aguada e a escrita, que apelidou de “Mare Calamus”.

A natureza única do artista, subvertendo todas as formas de imposição, é evidente nas exposições que realizou internacionalmente e particularmente em obras como “The Hitch-Hiker Drum Beat”, homenagem ao poeta e escritor “beat” Jack Kerouac, apresentada Providence, Rhode Island, em 2001.

Mito realizou inúmeras exposições individuais e coletivas não só em Cabo Verde e Portugal, mas também em latitudes como China, Austrália, Holanda, Brasil ou EUA. Destacam-se: “Lantuna na mei di mar”, EXPO’98, Lisboa, Portugal; “Le Bourgeois Experimental”, Saint Germain des Près, Paris (2007); “Africa Now! Emerging Talents From a Continent on The Move”, no World Bank, em Washington DC (2008); “Ecos à Bolina (Na Rota De Calamus)”, CINUSP, São Paulo, Brasil (2008); “Exposição comemorativa dos 50 anos da Fundação Bissaya Barreto”, Coimbra, Portugal (2008); “Nó di Sulada”, WMDC, Rotterdam, Holanda (2009); “Private Z(oo)m: Tempo dos Bichos”, no Museu Afro-Brasil, em São Paulo, Brasil (2011); 2015 (Individual) Scripta - Melbourne - Austrália; “Si Stau (Noção 1.ª de Macau)”, Old Court House, Macau (2012); “Criolantus”, PCIL, Praia, Cabo Verde (2012); “[EX] Isle”, Frankston Arts Centre, Melbourne, Australia (2014); “Fandata”, Fo Guang Yuan Art Gallery, Melbourne, Australia (2014); “[RE] alphabetika”, Fundação Oriente, Díli, Timor-Leste (2015).



Rabislongo, 2002 - Técnica mista sobre cartão, 70x100 cm | MT01

REGINA COSTA

ANGOLA | BRASIL

Regina Costa nasceu no Lubango, em Angola, em 1963. Foi viver para o Brasil na adolescência, onde se licenciou em Artes, pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, tendo depois obtido o Diploma de Estudos Avançados (DEA) na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona, em Espanha.

Regina Costa realizou dezenas de exposições em vários países, de entre as quais se destacam: em 2015, International Print Triennial e uma mostra na galeria Bunkier Sztuki, ambas realizadas em Cracóvia, na Polónia; Global Print; Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, Portugal; VI Bienal Iberoamericana de Obra Gráfica, Palácio de la Isla, Cáceres, Espanha. Em 2014 participou na 3.ª Bienal da Bahia, Brasil e prosseguiu com exposições no Brasil, no Museu Imaginário do Nordeste, curadoria de Ayrson Heráclito e Espaço Cultural Hansen Bahia. Nesse mesmo ano, em Portugal participou dos “(Con)Tributos da Liberdade a Joan Miró”, na Perve Galeria, em Lisboa e na 7.ª Bienal Internacional de Gravura do Douro. Em 2013 participou da International Print Triennial e mostra na Mimar Sinan Fine Arts University, ambas realizadas em Istambul, na Turquia; no 1st International Contemporary Engraving Festival, em Bilbao, Espanha; expôs no Museu de Lamego; participou da International Print Triennial, Kunstlerhaus, em Viena, Áustria e expôs na The Contemporary Art Gallery, Opole, na Polónia.

Em 2011 participou da 16.ª Bienal Internacional de Cerveira, em Vila Nova de Cerveira, Portugal. No seu currículo constam ainda outras participações em mostras e bienais de relevo: IEEB4 - 4th International Experimental Engraving Biennial, The Brancovan Palaces Cultural Center, Mogosoiaia, Bucareste, Roménia; International Print Triennial, “Grafik Ohne Grenzen”, Horst-Janssen Museum, Oldemburgo, Alemanha (2010); Bunkier Sztuki Contemporary Art Gallery, Cracóvia, Polónia (2009).



1 Year, 3 Months, 3 Weeks, 4 Nights Under Pressure - Dreams Series 01,
2011 (imagens: obra integral e detalhe)
Digital Print s/ tecido Berger 258x80 cm



SÉRGIO GUERRA

BRASIL

Sérgio Guerra usa a fotografia como principal ferramenta de criação. Produziu, também, um intenso trabalho de comunicação visual para vários organismos, entre os quais o Governo de Angola, aí desenvolvendo igualmente profícua atividade como produtor cultural.

Nasceu no Recife, morou em São Paulo e tornou-se baiano por adoção em finais dos anos 70. Vive atualmente entre Luanda, Salvador, Rio de Janeiro e Portugal.

Estabeleceu-se em Angola em 1998, onde desenvolve programas de comunicação para o Governo. Parte do seu trabalho de registo fotográfico de Angola está representado nos livros “Álbum de família”, “Duas ou três coisas que vi em Angola”, “Nação coragem” e “Parangolá”.

Fundou a Maianga Brasil (2000) e a Maianga Angola (2003), empresas responsáveis pela edição de 24 títulos de prosa e poesia, que integram a “Biblioteca de Literatura Angolana”, para além de “O Candomblé da Barroquinha – Processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto”, de Renato da Silveira, entre outras obras.

Sob a chancela da Maianga produziu discos de artistas brasileiros e angolanos como Paulo Flores, Carlitos Vieira Dias, Wyza, Elza Soares, Lanlan, Jussara Silveira e José Miguel Wisnik. Realizou as exposições “Lá e Cá” (2006) e “Salvador Negroamor” (2007), iniciativas que obtiveram grande repercussão, pelo seu carácter inovador e criativo, no uso do espaço urbano, tendo uma feira livre e as ruas da cidade de Salvador como suporte e moldura para as imagens.

Em 2008 realizou a exposição de arte fotográfica “Mwangole”, dedicada a alguns povos do sul de Angola, na qual já transportava o gérmen do seu interesse pelo grupo étnico Herero, com o qual veio a realizar intenso trabalho artístico e documental, que culminou com o lançamento, em 2010, de um álbum fotográfico e várias exposições artísticas apresentadas no Museu, na cidade de São Paulo; em Luanda, no Museu de História Natural e, em Portugal, na Perve Galeria.



Omolás, 2010 - Impressão digital sobre papel Hahnemuhle, 60x40 cm | SGG-03

SÉRGIO SANTIMANO

MOÇAMBIQUE

Nasceu em 1956, em Lourenço Marques, atual Maputo, Moçambique. Trabalha na tradição do documentário clássico e reportagem fotográfica, tendo começado a trabalhar como fotojornalista para o jornal “Domingo”, com Ricardo Rangel, em 1982. De 1983 a 1988, produziu e publicou trabalho relevante para a imprensa nacional e internacional, cobrindo a guerra, a fome, e questões políticas para AIM (Agência de Notícias de Moçambique). Em 1988, mudou-se para a Suécia, onde trabalhou e estudou fotografia documental. Após o fim da guerra civil moçambicana, em 1992, começou como freelancer, documentando as consequências da guerra e a reconstrução do país. Pela primeira vez na sua vida, pôde viajar por todo o país e descobrindo-o em tempos de paz. É nesta altura que o seu trabalho sofre uma transformação, adotando um projeto de longo prazo - uma série de retratos sobre a vítima de minas, Luísa Macuácu, que acompanhou a partir da capital Maputo de volta à sua cidade, Inhambane. Desse trabalho resultou uma exposição com o título “Moçambique - Caminhos / A estrada longa e sinuosa”, onde a componente plástica e visual supera o discurso documental. Esse projeto foi mostrado internacionalmente e extratos dele foram publicados na “Revue Noir” e na revista portuguesa “Grande Reportagem”.

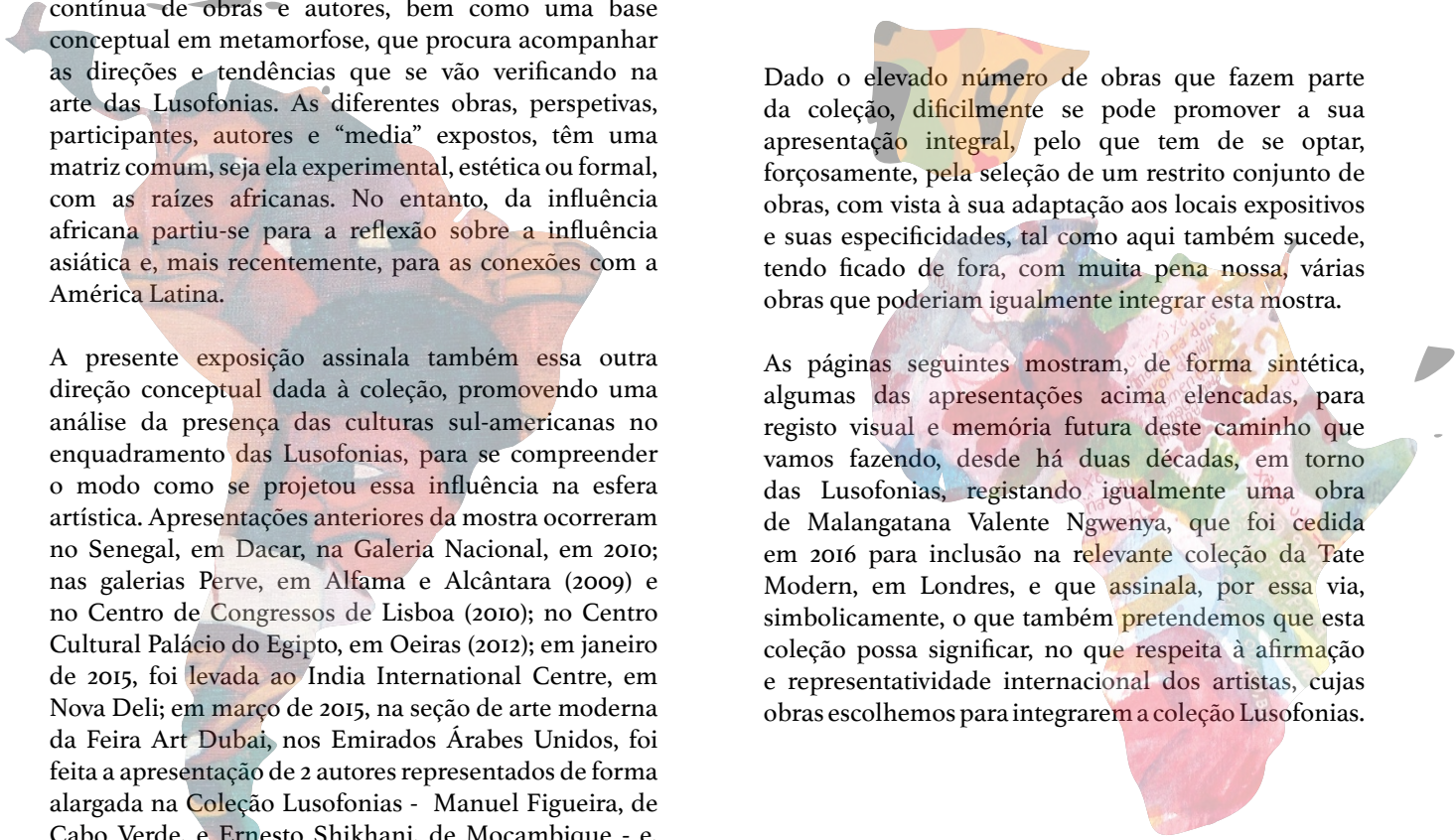
Desde 1997 Santimano tem trabalhado no Norte de Moçambique, em vários projetos na província de Cabo Delgado e na Ilha de Moçambique, na lendária 1.ª base portuguesa na costa leste do continente africano, no caminho para a Índia. Desde 1992, Sérgio Santimano exibiu, extensivamente, em África, Suécia, Europa e Índia. Tendo começado a sua colaboração com a Perve Galeria em 2014, participou na mostra “7+5=1” e teve o seu trabalho exposto em Nova Deli, na Índia Art Fair. A sua obra foi integrada, em 2015, na coleção Lusofonias.



Sem título - Moda Bibinha - Ilha de Moçambique, n.d.
Lambda (impressão digital), 60x40 cm | SS002

COLEÇÃO LUSOFONIAS

APRESENTAÇÕES ANTERIORES



A coleção “Lusofonias” assume o estatuto de uma “coleção aberta”, com uma integração ativa e dinâmica de artistas que vão ao encontro dos seus critérios. Neste contexto, pretende-se que haja uma incorporação contínua de obras e autores, bem como uma base conceptual em metamorfose, que procura acompanhar as direções e tendências que se vão verificando na arte das Lusofonias. As diferentes obras, perspetivas, participantes, autores e “media” expostos, têm uma matriz comum, seja ela experimental, estética ou formal, com as raízes africanas. No entanto, da influência africana partiu-se para a reflexão sobre a influência asiática e, mais recentemente, para as conexões com a América Latina.

A presente exposição assinala também essa outra direção conceptual dada à coleção, promovendo uma análise da presença das culturas sul-americanas no enquadramento das Lusofonias, para se compreender o modo como se projetou essa influência na esfera artística. Apresentações anteriores da mostra ocorreram no Senegal, em Dacar, na Galeria Nacional, em 2010; nas galerias Perve, em Alfama e Alcântara (2009) e no Centro de Congressos de Lisboa (2010); no Centro Cultural Palácio do Egipto, em Oeiras (2012); em janeiro de 2015, foi levada ao Índia International Centre, em Nova Deli; em março de 2015, na seção de arte moderna da Feira Art Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, foi feita a apresentação de 2 autores representados de forma alargada na Coleção Lusofonias - Manuel Figueira, de Cabo Verde, e Ernesto Shikhani, de Moçambique - e, em dezembro de 2016, foi apresentado um núcleo da coleção dedicado ao tema “Resistência e Liberdade” no Palácio da Independência, em Lisboa, por ocasião dos 40 anos das independências dos PALOP.

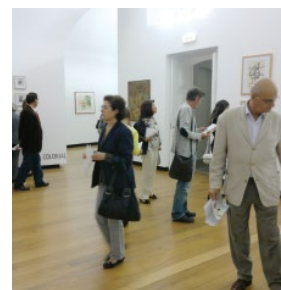
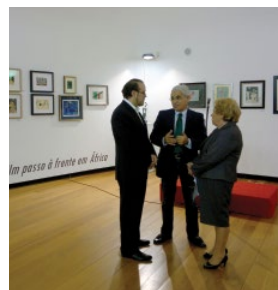
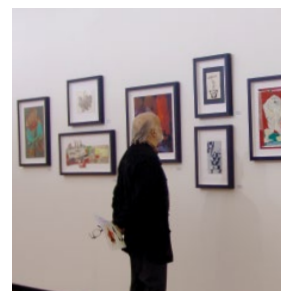
Dado o elevado número de obras que fazem parte da coleção, dificilmente se pode promover a sua apresentação integral, pelo que tem de se optar, forçosamente, pela seleção de um restrito conjunto de obras, com vista à sua adaptação aos locais expositivos e suas especificidades, tal como aqui também sucede, tendo ficado de fora, com muita pena nossa, várias obras que poderiam igualmente integrar esta mostra.

As páginas seguintes mostram, de forma sintética, algumas das apresentações acima elencadas, para registo visual e memória futura deste caminho que vamos fazendo, desde há duas décadas, em torno das Lusofonias, registando igualmente uma obra de Malangatana Valente Ngwenya, que foi cedida em 2016 para inclusão na relevante coleção da Tate Modern, em Londres, e que assinala, por essa via, simbolicamente, o que também pretendemos que esta coleção possa significar, no que respeita à afirmação e representatividade internacional dos artistas, cujas obras escolhemos para integrarem a coleção Lusofonias.

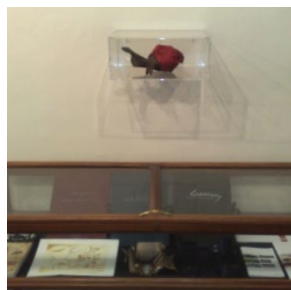
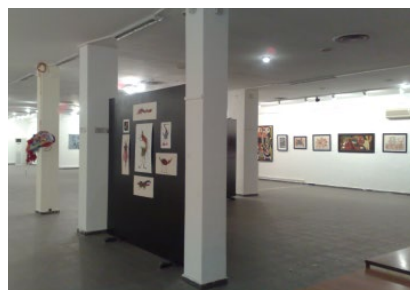
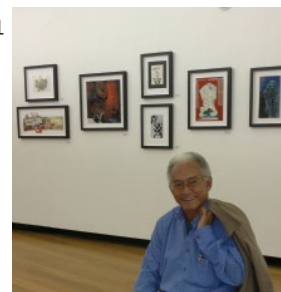


Imagens da apresentação da coleção Lusofonias na Galeria Nacional de Arte em Dacar, Senegal, em novembro de 2010.

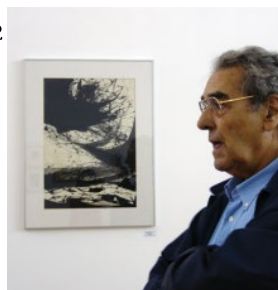
Exposição “O Desenho na coleção Lusofonias”, apresentada no Palácio do Egípto, presença de artistas, Manuel Figueira (1), Eduardo Nery (2) e Dorindo Carvalho (3), Oeiras (2012).



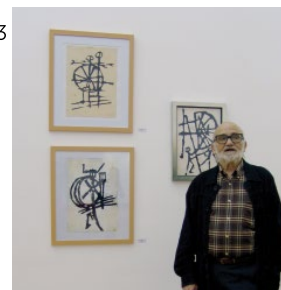
1



2



3





Participação na Art Dubai, seção de arte moderna, com obras de Ernesto Shikhan e Manuel Figueira. A obra em grande plano na imagem, foi cedida para integração na Coleção de Serralves, em 2016. Visita de SE Sheikh Hamdan Bin Mohammed Bin Rashid Al Maktoum e artigo sobre essa visita no jornal “Emarat Al Youm” dos Emirados Árabes Unidos. Março de 2015.

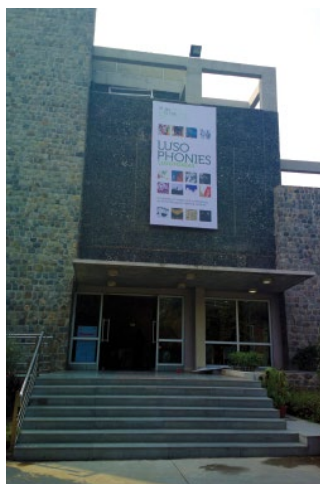




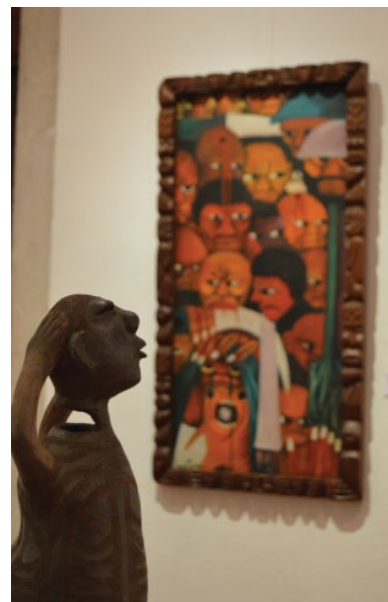
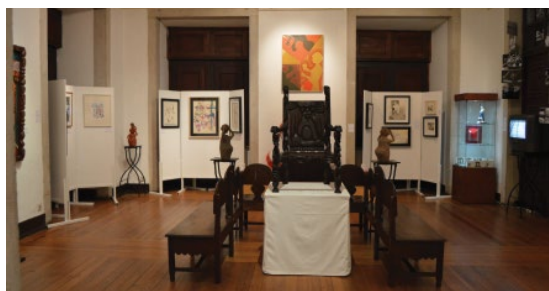
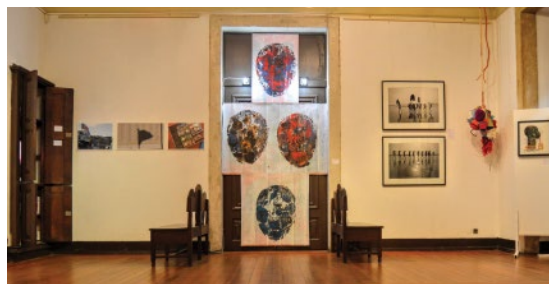
Apresentações anteriores de núcleos da coleção Lusofonias

India International Centre, em Nova Deli, entre janeiro e fevereiro de 2015.

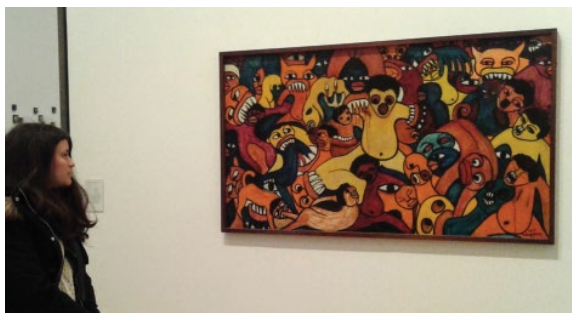
Notícia publicada na imprensa indiana. Reportagem sobre a mostra para a rádio e televisão; inauguração da mostra com a presença dos Embaixadores da União Europeia e de Portugal e a Diretora do IIC, Premola Ghose; performance de Nuno Reis.







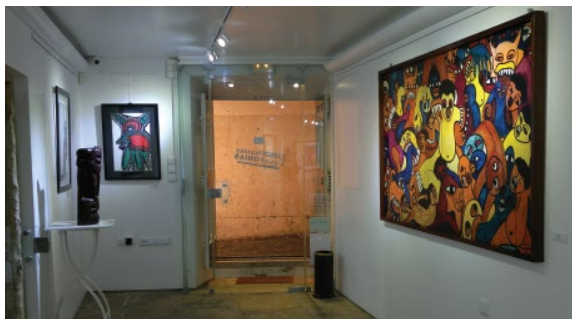
Exposição "Resistência e Liberdade - Independências na arte das Lusofonias", patente no Palácio da Independência de 23.11 a 19.12.2015
Organização: Casa da Liberdade - Mário Cesariny



1



2



3

Esquire
STYLE
CULTURE
LIFE
WATCHES
FOOD & DRINK
LONG READS

The Tate Modern Opens New Switch House

London's riverside powerhouse opens a lavish expansion

JUN 15, 2016

The rebooted Tate Modern comes after six-and-a-half years of digging, scaffolding, building, fund-raising and spending — about £260m in the case of the latter. There is now more than double the previous space for art and visitors, most visibly in Switch House, the 10-storey extension to the back of the building (which also has gallery space below it in The Tanks, on the site the former power station's oil tanks.)

Of course, there's a second shop, a new bar and, for the first time, a restaurant, on Switch House's ninth floor, so you can sit and eat properly after a visit on a Friday or Saturday night. Yes, Tate Modern has just shot up the list of London date spots, especially given that atop Switch House is a viewing terrace, open to all. More impressive to a companion would be a drink in the Members Room on the eighth floor: equally spectacular view of the Thames without the breeze from it; no Joe Public.

1 - Obra de Malangatana em exposição na Tate Modern, em janeiro de 2017.
 2 e 3 - Exposição "Lusofonias - LusoPhonies", patente na Perve Galeria, em Alfama, em novembro de 2012, destacando-se a obra de Malangatana Valente Ngwenya, datada de 1967, que foi cedida para integração na coleção da Tate Modern, em Londres.
 Artigo da "Esquire" sobre a inauguração da nova ala da Tate Modern, ilustrado com a obra de Malangatana.

Sede da UCCLA

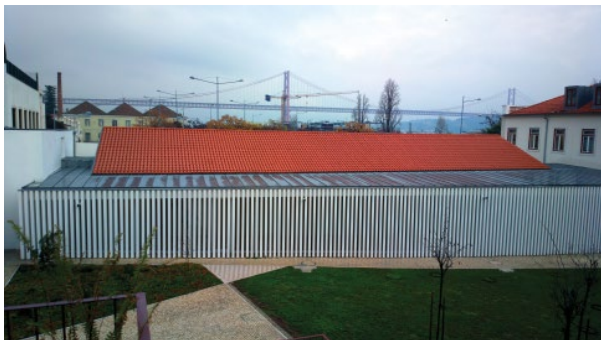
A UCCLA-União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa é uma associação intermunicipal de natureza internacional, criada a 28 de junho de 1985. Assinaram o ato de fundação as cidades de Bissau, Lisboa, Luanda, Macau, Maputo, Praia, Rio de Janeiro e São Tomé/Água Grande.

Verdadeira associação de cidades capitais, representantes de povos e nações livres, a UCCLA tem sido palco de frutuosa e intensa ação de intercâmbio e cooperação. É uma associação intermunicipal, sem fins lucrativos, que assume com orgulho a missão de contribuir para o desenvolvimento e o bem-estar das suas populações.

Volvidos 32 anos, a UCCLA conta atualmente com 45 cidades (efetivas, associadas e observadoras) espalhadas pelos 4 continentes e 36 empresas apoiantes. Ao longo destes 32 anos, a UCCLA contribuiu para o fortalecimento dos laços que unem as cidades que lhe dão alma, fomentando o desenvolvimento económico, social e cultural e estimulando laços de solidariedade que privilegiam, naturalmente, o apoio às populações urbanas mais carenciadas, urbanas e peri-urbanas.

A UCCLA intervém no domínio da cooperação descentralizada e na cooperação para o desenvolvimento, promovendo o desenvolvimento económico, científico, empresarial e a cultura lusófona, assim como a formação profissional, o saneamento básico, o urbanismo, as finanças e a cooperação industrial.

Fotografias por Carlos Cabral Nunes





Cerimónia de Fundação da UCCLA, com o fundador, Nuno Kruz Abecasis, no Padrão do Descobrimentos, Lisboa - Fonte: UCCLA

COLECTIVO MULTIMÉDIA
PERVE

Conceito e Curadoria
Carlos Cabral Nunes

Direção Executiva
Nuno Espinho

Produção e Comunicação
Graça Rodrigues

Design Gráfico
CCN & Nelson Chantre

Produção
Perve Galeria
Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Impressão
Imprensa Municipal - C. M. Lisboa

UCCLA

Avenida da Índia, n.º 110
1300-300 Lisboa, Portugal

Horário: 2.ª a 6.ª - 10h-13h e 14h-18h
T: 218 172 950 | uccla@uccla.pt

C. M. PERVE

CASA DA LIBERDADE - M. C.

www.pervegaleria.eu
galeria@pervegaleria.eu
Rua das Escolas Gerais nº 13 - Alfama
1100-218 Lisboa | Portugal
Horário: 2.ª a sábado das 14h às 20h
T: 218822607/8 | Tm: 912521450

Fotografias de Arquivo - Direitos reservados
Stock Photo - All rights reserved

UCCLA - UNIÃO DAS CIDADES
CAPITAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Direção
Vítor Ramalho, Secretário-Geral

Coordenação
Rui Lourido, Coordenador Cultural
Filomena Nascimento, Setor Cultural
Raquel Carvalho, Setor Cultural

Design e planificação de estruturas
João Laplaine, Carlos Brito,
Catarina Amaro da Costa

Comunicação
Anabela Carvalho, Carmen Frade

Setor Educativo
Alda Moreira, Princesa Peixoto

ORGANIZAÇÃO:



APOIOS:



PARCERIA:



Manuela Jardim
Ideias Construídas - Aromas da Memória II, 2015
Técnica mista s/ serapilheira, 180x100cm | MMJ48

